

Luminate

Building stronger societies

Juventudes e Democracia na América Latina

Janeiro 2022



Sumário

Introdução	3
Metodologia e técnica de pesquisa	5
Desenho da pesquisa	7
Argentina	8
Brasil	16
Colômbia	27
México	40
Especificidades de cada país	48
Especificidades da juventude hoje nos países estudados	48
Recomendações	51

Este relatório é produto da pesquisa coordenada por Esther Solano e Camila Rocha, com a colaboração de Agustín Prol, Guadalupe Passadore Tomasi, Santiago Vanderstichel, Sofía Mosquera e Erick Melo. Questões sobre a investigação podem ser encaminhadas a luminatelatam@luminategroup.com.

Introdução

De acordo com um relatório recente para o Centre for the Future of Democracy da Universidade de Cambridge, que reuniu em um único banco de dados surveys de 154 países realizados durante cinco décadas, em um contexto “pós-democrático”, as gerações mais jovens estão cada vez mais insatisfeitas com a democracia, e o surgimento de uma “onda populista” (tanto à esquerda quanto à direita) a partir de 2015 sinaliza uma possível mudança de tendência (Foa et al., 2020).

Por um lado, Foa e Mounk (2019) defendem, também com base em dados quantitativos, a necessidade de distinguir “apatia democrática” (ceticismo em relação às instituições democráticas, baixa participação eleitoral e baixo interesse em política) e “antipatia democrática” (apoio ativo a movimentos iliberais que sejam hostis às instituições pluralistas). Nas sociedades em que a juventude não enfrenta discriminação aberta, a apatia seria mais provável, enquanto nas que ela enfrenta exclusão social sistemática, a apatia tem se tornado antipatia. Para os autores, o remédio seria a educação cívica: transmitir os valores da democracia liberal por meio da história da democracia e dos totalitarismos, o que pressupõe que a apatia e antipatia democráticas dos jovens sejam resultados de sua falta de conhecimentos históricos e políticos. Por outro lado, Weber (2013) identifica, também com dados quantitativos, que o fenômeno da “antipatia” política com relação à democracia está localizado mais entre jovens homens do que entre as mulheres.

Porém, se estudos quantitativos têm apontado que as atitudes das gerações mais jovens tendem a ser negativas em relação ao sistema político, metodologias qualitativas são capazes de mostrar que, embora os jovens sejam desconfiados desse sistema, as novas gerações se interessam por assuntos políticos e apoiam a democracia. Desse modo, a

caracterização mais adequada para a juventude não seria como “apolítica” ou “apática”, e sim como portadora de um “ceticismo engajado”: cética com relação aos partidos e aos políticos profissionais, por serem distantes dos cidadãos, mas engajada politicamente em questões mais locais, imediatas e “pós-materialistas” (Henn et al., 2002).

Tal diferença entre os resultados obtidos se explica porque o emprego de métodos qualitativos possibilita ampliar a noção do que é “o político”, ao ouvir como os próprios jovens definem a política, considerando suas percepções e sentimentos de marginalização do sistema político diante de uma cultura política excludente (O’Toole, 2003).

Nesse sentido, outra forma de ressignificar a “apatia política” é interpretar o fenômeno como uma “alienação do sistema político”, ou seja, como a desconexão dos jovens com relação aos processos políticos convencionais (Sloam, 2007). Assim, em vez de culpabilizar a juventude pelos seus sentimentos, é possível observar que seu desencanto, frustração e, eventualmente, aversão à política formal se deve mais à sua percepção de que a política profissional é fechada aos jovens e à sua visão dos políticos como cínicos, autointeressados e pouco confiáveis (Henn e Foard, 2012).

Segundo estudos, essa perspectiva parece ter alcance global, além das particularidades socioculturais que enquadram as experiências de participação política dos jovens em cada região do mundo.

Conclusões similares também foram encontradas para o contexto europeu. Pfaff (2009) utiliza métodos quantitativos e qualitativos para concluir que a participação em subculturas juvenis fomenta a socialização política e possui impacto positivo na cultura política democrática de jovens na Alemanha. As juventudes europeias querem se engajar politicamente e participar da vida democrática, porém se sentem frustradas e traídas ao

perceberem que a política mainstream exclui e ignora suas necessidades e seus interesses; daí seu engajamento em outras formas de participação política para além do voto, como a desobediência civil, a dissidência e o protesto crítico (Cammaerts et al., 2014). Assim, para certos autores, as preocupações se voltam menos para um déficit individual de valores dos jovens, e mais para as barreiras políticas, estruturais, sociais e materiais à sua participação política (Edwards, 2007; Martin, 2012).

incompreensíveis e distantes da vida das pessoas. Esses pesquisadores concluíram que jovens croatas demonstram apoio forte ao sistema democrático, mas com alguma ambivalência, pois alguns dos entrevistados apoiam afirmações autocráticas por culparem a democracia pela desigualdade social. Tal comportamento foi interpretado a partir de categorias como “cidadãos críticos” ou “democratas insatisfeitos”, considerando essa crítica à desigualdade social como um

[...] a descrença e a desconfiança profundas que os jovens têm nas instituições das democracias realmente existentes não significam, necessariamente, falta de adesão ou de comprometimento com os valores democráticos.

Inclusive, em face de tal cenário, com base nos trabalhos de Pippa Norris (2002), há uma reinterpretação da desconexão da juventude com o sistema partidário e a política eleitoral a partir da noção de uma “fênix democrática”, vista como o florescimento e a reinvenção contínuos da participação política em formas não eleitorais, não institucionalizadas e mais horizontais (Sloam, 2014; 2016).

Para além dos contextos norte-americano e da Europa Ocidental, a preocupação com as atitudes e valores democráticos de jovens em países pós-comunistas também tem sido constante e os resultados obtidos em pesquisas pouco destoam do relatado anteriormente. Marzęcki e Stach (2016), por exemplo, concluíram por meio de pesquisas quantitativas que a democracia é um valor importante para os jovens na Polônia, mas que existe entre eles uma profunda crise de confiança nos partidos políticos e nas elites políticas. Argumentam que os jovens poloneses justificam sua passividade por uma percepção de que os cidadãos não são capazes de ter impacto na política e, por isso, não têm esperanças na possibilidade de que a mudança social possa vir de iniciativas de baixo para cima. Já Franc et al. (2018), a partir do uso de métodos mistos, buscaram interpretar o que significa o cinismo político para jovens na Croácia, ou seja, a sua percepção de que políticos profissionais são corruptos, chatos,

potencial democrático em vez de representar uma força antidemocrática.

Já as pesquisas sobre juventude e democracia no Oriente Médio têm sido muito marcadas pelo fenômeno da Primavera Árabe. Em estudo sobre o Egito pré-2011, descobriu-se uma divergência entre a valorização positiva da democracia pelos jovens e os seus baixos níveis de engajamento cívico e político. Isto ocorreria não por uma falta de capital social (explicação que se tornou clássica por Robert Putnam), mas sim pela sua compreensão de que o regime político de Mubarak era corrupto e autoritário e de que se os jovens participassem de partidos políticos ou de manifestações de rua eles seriam reprimidos e/ou presos. Foi a partir da mudança transnacional da estrutura de oportunidades políticas (com a Primavera Árabe que se iniciou na Tunísia no fim de 2010) que os jovens puderam transformar suas atitudes políticas pró-democracia em atividade política nas ruas e nas redes (Sika, 2012).

Ainda com base em dados quantitativos, Hoffman e Jamal (2012) analisaram os padrões de atitudes e comportamentos políticos, também concluindo que as causas da Primavera Árabe estariam mais conectadas às oportunidades políticas transnacionais para protestar do que às queixas relativas aos regimes políticos do mundo árabe.

Afinal, metade do número de jovens, grandes protagonistas dos protestos, apoiaria mais o islamismo político, estaria mais feliz com os regimes e seria mais otimista em relação a seu futuro econômico do que outras faixas etárias. Por outro lado, os autores descobriram que a juventude árabe tem maior probabilidade de protestar e menor de votar, demonstrando mais uma vez a preferência juvenil por formas não convencionais de política.

Finalmente, no caso da América Latina, uma pesquisa quantitativa sobre a participação eleitoral de jovens no Chile chegou à conclusão de que as perspectivas da democracia nesse país não seriam nada promissoras, tendo em vista a disparidade etária crescente dos eleitores: 90% das pessoas mais velhas votam, enquanto a proporção do público votante com idade inferior a 30 anos não chega a 30%. Entre os jovens eleitores, os que mais têm votado são ricos, atingindo taxas muito maiores do que as dos jovens mais pobres (Corvalan e Cox, 2013). Já outra pesquisa, utilizando métodos mistos buscou explicar um aparente paradoxo entre bons indicadores objetivos (tanto político-democráticos quanto econômicos) no Chile e o alto nível de descontentamento subjetivo entre jovens, comprovado por movimentos massivos de protesto estudantil no país em 2006 e 2011. Tal descontentamento seria fruto de uma distância entre expectativas e realidade, num contexto em que os nascidos após o fim da ditadura de Pinochet se entendem como a “geração sem medo”, ou seja, sem medo de que seus protestos desestabilizem a democracia. Por fim, Gillman (2018) propõe que, ao contrário da literatura sobre juventude baseada em surveys, estudos qualitativos com base em grupos focais permitiriam uma visão mais complexa e completa acerca das atitudes dos cidadãos com relação à democracia. Enquanto os surveys mostram um baixo índice recorde de apoio à democracia na América Latina, os grupos focais realizados pelo autor com jovens equatorianos permitem concluir que eles estão fortemente comprometidos com as liberdades democráticas, embora sejam céticos com relação às instituições que supostamente as garantiriam. Portanto, é necessário que o processo de democratização não esteja restrito às instituições políticas formais, mas tenha um caráter social.

Assim, considerando o debate internacional recente acerca da relação entre juventude e

democracia no século XXI, é possível concluir a importância de ampliar a noção de política para além da institucional (formal, convencional, profissional, partidária, eleitoral, enfim, tradicional) em direção a formas de política extrainstitucionais, não institucionalizadas, não eleitorais, alternativas e locais.

Desse modo, é possível observar que a descrença e a desconfiança profundas que os jovens têm nas instituições das democracias realmente existentes não significam, necessariamente, falta de adesão ou de comprometimento com os valores democráticos. Afinal, considerando os significados que os jovens atribuem à democracia vis-à-vis as possibilidades apresentadas por seus respectivos sistemas políticos nacionais convencionais e as alternativas que veem de participação política, torna-se possível avaliar, de forma aprofundada, os riscos de uma “desconexão democrática” da juventude (Foa et al., 2020) para o futuro da própria democracia.

Metodologia e técnica de pesquisa

É possível apontar a existência de duas grandes tendências na literatura em pauta. Por um lado, existem pesquisas quantitativas que utilizam os conceitos de cultura política e de socialização política (uma vertente culturalista da ciência política, com base em Almond e Verba; Putnam; Inglehart; Norris etc.) ou, em menor medida, de representação social (vertente da psicologia social de Moscovici); e, por outro, pesquisas qualitativas que utilizam diferentes conceitos, tais como de subculturas ou culturas juvenis (vertente inspirada nos estudos culturais britânicos de Hall, Willis etc.) ou, então, de subjetividade ou subjetivação política (uma vertente multidisciplinar com centralidade na psicologia política e na filosofia de Rancière e outros).

A principal diferença teórica-metodológica entre as duas vertentes é que a primeira mede valores individuais por meio de *surveys*, enquanto a segunda busca apreender significados intersubjetivos por meio de múltiplas técnicas de coleta de dados, tais como entrevistas, grupos focais, observação e histórias de vida.

Desse modo, as pesquisas quantitativas que tratam a cultura política de um modo

generalizante, como atitudes psicológicas de indivíduos com relação ao sistema político, tendem a produzir diagnósticos pessimistas: a juventude costuma ser retratada como apolítica, apática, cética e cínica, o que colocaria a democracia em perigo. Ainda que existam exceções, como os estudos que privilegiam o diálogo com a obra da cientista política Pippa Norris em detrimento dos trabalhos do também cientista político Robert Putnam.

Já as pesquisas qualitativas, que tratam a cultura em sua heterogeneidade coletiva, na

baseadas em questionários fechados em que os entrevistados podem apenas responder às perguntas de forma positiva ou negativa e/ou concordar com ou discordar de frases elaboradas previamente, a abordagem qualitativa permite compreender de modo mais aprofundado valores, opiniões e sentimentos das pessoas entrevistadas, os quais costumam apresentar muitas nuances, incoerências, contradições e complexidades que não são redutíveis a escalas ou tipologias simplificadas.

A pesquisa qualitativa pode se utilizar de uma ou mais técnicas de pesquisa, como

Foram realizadas 60 entrevistas em profundidade, baseadas em um questionário semiestruturado, com jovens de 16 a 24 anos, por meio de plataforma digital para reuniões de minigrupos focais.

forma, por exemplo, de subculturas em torno de âmbitos mais amplos do que o sistema político, tais como modos de vida, estilos de consumo e/ou práticas de resistência, tendem a produzir diagnósticos mais otimistas. Na realidade, os jovens estariam interessados em política, bem como comprometidos com os valores da democracia, mas eles próprios têm uma percepção do sistema político como fechado, distante e corrupto e, quando querem agir politicamente, buscam outros meios, diferentes dos que são dos utilizados pela política tradicional – partidos e eleições institucionais – e procuram usar formas alternativas de política, como a ação coletiva confrontacional que se dá fora das instituições.

Desse modo, as pesquisas qualitativas têm uma sensibilidade, mais rara entre as pesquisas quantitativas, ao não responsabilizar os jovens pelos resultados dos *surveys*, buscando interpretar suas experiências, práticas e valores a partir de suas próprias concepções de mundo. Orientação esta que foi adotada na presente pesquisa.

A metodologia adotada na condução desta pesquisa é de tipo qualitativo. Ao contrário dos estudos de opinião pública conhecidos como *surveys*, pesquisas quantitativas

grupos focais, entrevistas em profundidade, e etnografia. O que existe em comum em todas essas técnicas é o estabelecimento de laços de confiança e empatia entre os entrevistadores e os sujeitos do estudo; por esse motivo, pesquisas qualitativas normalmente são realizadas com um número menor de pessoas e levam mais tempo para serem produzidas em comparação com *surveys*. Porém, a grande vantagem da pesquisa qualitativa no que tange à análise dos dados coletados é que ela facilita raciocínios de tipo indutivo. Em análises indutivas, as premissas que orientaram a elaboração da pesquisa proporcionam apenas uma fundamentação parcial das conclusões, em contraposição a raciocínios dedutivos, utilizados para a confecção e análise de pesquisas quantitativas, em que as premissas fornecem um fundamento definitivo das conclusões.

A técnica de pesquisa adotada na presente pesquisa foi a do *minigrupo focal etnográfico*, que é diferente da que utiliza o grupo focal tradicionalmente em pesquisas de mercado e eleitorais. O grupo focal, como técnica de pesquisa, consiste em reunir um grupo de aproximadamente 10 pessoas que não se conhecem previamente para uma discussão realizada em um ambiente neutro e controlado,

sobre um tema ou tópicos específicos, conduzida por um entrevistador¹. Já com o minigrupo etnográfico a discussão é realizada em grupos de três pessoas que se conhecem previamente chamados de tríades, formados apenas por homens ou mulheres.

A ideia de usar o minigrupo focal é aumentar a empatia entre o entrevistador e os entrevistados assim como diminuir possíveis tensões dos entrevistados entre si, dado que os grupos são pequenos, homogêneos no que tange ao sexo dos participantes, e os entrevistados se conhecem previamente. Nesta pesquisa, a dinâmica ocorreu mediante a utilização de plataformas digitais gratuitas e de fácil manuseio para reuniões que possibilitam ligações com áudio e vídeo por meio de computador ou celular, como Google Meet ou Jitsi Meet. A duração média das entrevistas foi de duas horas.

Desenho da pesquisa

Foram realizadas 60 entrevistas em profundidade, baseadas em um questionário semiestruturado, com jovens de 16 a 24 anos, por meio de plataforma digital para reuniões de minigrupos focais, ou seja, constituídos por três pessoas que se conhecem previamente, denominados tríades, como mencionado anteriormente. Foram entrevistados 13 tríades na Argentina, 12 na Colômbia, 18 no Brasil e 17 no México, tendo em vista o tamanho da população e a maior diversidade regional dos dois últimos países. Para além de utilizar recortes de sexo, renda e de priorizar a diversidade regional dos entrevistados, a seleção também ocorreu com base em critérios políticos. Assim, três grandes grupos foram formados: apoiadores da principal liderança de direita ou centro-direita do país, apoiadores da principal liderança de esquerda ou centro-esquerda do país, e pessoas que não se identificam com as principais opções políticas e/ou não votaram nas últimas eleições.

Cada reunião teve duração média de duas horas e foi composta por um grupo homogêneo no que tange à faixa etária e ao sexo com o intuito de que os participantes se sentissem menos constrangidos pelos demais a falar livremente sobre o que, de fato, sentem e pensam sobre as temáticas abordadas.

Todas as entrevistas foram realizadas a partir de um questionário semiestruturado que abordou os seguintes tópicos:

1. Consumo de informações
2. Influenciadores (*Influencers*)
3. Outros meios de comunicação
4. Política e informação
5. Desconfiança e notícias falsas
6. Participação
7. Organizações políticas e representação
8. Confiança em instituições tradicionais
9. Política nacional

A seguir, são apresentados os resultados da pesquisa ressaltando os achados empíricos em cada país, as especificidades nacionais, as especificidades da juventude contemporânea e são feitas recomendações a partir dos resultados finais da investigação.

A escolha de citar, ao longo do relatório, determinadas falas específicas de pessoas entrevistadas ocorreu na medida em que essas falas sintetizavam de forma mais acabada tendências gerais que foram identificadas ao longo da investigação. Tais citações aparecem sempre acompanhadas da identificação do gênero, do perfil político e da região onde reside a pessoa entrevistada.

¹ Cf. Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis* [online]. 2009, vol.19, n.3, p. 777-796.



Argentina

Contexto

Para compreender as posições políticas argentinas é necessário observar a influência que o peronismo exerce há mais de setenta anos na realidade nacional. Desde a chegada de Juan Domingo Perón ao governo nacional, em meados da década de 1940, os posicionamentos ideológicos se estruturaram em sua maioria em torno da afinidade com seu movimento político. A partir de 2003, com a chegada de Nestor Kirchner e Cristina Fernández de Kirchner ao governo argentino, o peronismo foi revitalizado e, ao mesmo tempo, cresceu o antagonismo ao redor dele.

Dessa forma, embora atualmente o antiperonismo (ou antikirchnerismo) se encontre em sua maioria organizado em torno da figura de Mauricio Macri e sua aliança Juntos por el Cambio [Juntos pela Mudança], após sua passagem pelo governo entre 2015 e 2019, algumas pessoas deixaram de se sentir representadas por aquela aliança. Assim, podemos encontrar novas figuras opositoras, como é o caso do Partido Libertario², e nos parece pertinente formulá-lo como uma categoria diferenciada pelo seu caráter original na cultura política da juventude. Por outro lado, embora a esquerda se encontre organizada principalmente no peronismo kirchnerista, permanece um setor minoritário agrupado em diferentes pequenos partidos visando às eleições.

1. Consumo de informação

Todas as pessoas entrevistadas nesta pesquisa usam redes sociais. Entre as mais mencionadas estão o Instagram e o Whatsapp. Cabe destacar que essas ferramentas são utilizadas para o entretenimento e a socialização com amigos, familiares e colegas de faculdade. Na maioria das entrevistas, a participação e hierarquização dos conteúdos engraçados, memes e vídeos foram ressaltadas. Interesses específicos como receitas de culinária, animais, séries, esportes, entre outros, também foram mencionados.

“Não compartilho assuntos sobre políticos porque não gosto quando começam a discutir em vez de aceitar a posição de cada um.”

(Mulher, peronista/kirchnerista, NOA – Noroeste da Argentina)

Embora tenha sido afirmado, na maioria das entrevistas, que o que se busca nas redes é relaxar, também se entende que acessam conteúdos políticos e atuais. As redes são percebidas pelos jovens como uma fonte privilegiada de informação por serem mais plurais e diversificadas que os meios de comunicação tradicionais e facilmente acessíveis; o Twitter e o YouTube se destacam nesta seção.

“Onde você consegue acessar mais rápido é nas redes sociais, às vezes você não tem tempo para ouvir o rádio ou assistir à TV.”

(Mulher, peronista/kirchnerista, NOA)

“No Twitter, basicamente, está toda a informação que eu posso obter; o Instagram é mais para conhecidos e eu não tenho muita informação extra.”

(Homem, sem preferência partidária, NEA – Nordeste da Argentina)

“No YouTube há mais conteúdo. Porque no Instagram nem tudo aparece. Porque há também perfis privados e, bem, é um processo mais longo. Se eu quiser encontrar mais rápido tenho que entrar no YouTube e procurar a palavra que eu quero saber e, então, já aparece o vídeo diretamente. Ou algo relacionado...”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

No entanto, ao validar informações ou aprofundar temas específicos, recorrem a pesquisas no Google e jornais digitais tradicionais, já que são reconhecidos como mais rigorosos no manuseio da informação. Um aspecto que cabe destacar é que a maioria das pessoas só compartilha conteúdo, não gera o seu próprio.

“Eu procuro o que surgir no momento. Se há algo que eu quero saber assim do nada, ou vejo algo, por exemplo, no Twitter ou Instagram e quero ter certeza, pesquiso no Google na parte de notícias.”

(Mulher, peronista/kirchnerista, NEA)

² Este conjunto político une formalmente dois partidos que se apresentaram para as eleições legislativas deste ano (2021). Por um lado, o Avanza Libertad, que obteve apenas 5% nas PASO (eleições Primárias, Abertas, Simultâneas e Obrigatórias) da Província de Buenos Aires, e que é liderado pelo economista José Luis Espert. Por outro, a lista da La Libertad Avanza, que se apresentou na cidade de Buenos Aires, encabeçada pelo também economista Javier Milei, obteve quase 14%, o que foi um sucesso, já que foi a primeira vez que concorreu às eleições. A diferença entre os dois economistas é que, ainda que ambos sejam muito midiáticos em programas de televisão, o segundo tem uma forte preponderância nas redes sociais, principalmente no Twitter.

“Muitas vezes aconteceu de eu ver memes atuais e que eu não entendo, tenho que googlar e lá eu vejo a notícia.”

[Homem, sem preferência partidária, NEA]

Por outro lado, um aspecto a destacar é o paradoxo que se apresenta no uso das redes sociais desde o surgimento do coronavírus. Embora tenham sido fortemente utilizadas para se relacionar com outros jovens, se entreter e se informar sobre a pandemia, observa-se um distanciamento e uso moderado. Houve abandono de redes sociais “tóxicas” como Twitter, abandono de grupos, menor quantidade de tempo gasto, devido à infodemia, ao sofrimento do confinamento

“Um dos meus hobbies, entre aspas, é ver o mercado de criptomoedas. Então, às vezes por causa do dólar blue (câmbio não oficial) e da inflação, em alguns casos, além dos impostos que colocam aqui, fica um pouco mais difícil comprar, porque desejam comprar com pesos ou com dólares. Bom, o valor do peso de um dólar virtual é guiado pelo peso do dólar blue. Então, é gerado um aumento muito grande do dólar, ou de impostos, meio que muda um pouco a coisa. Ou bastante. Por isso, sem impostos e com uma economia equilibrada seria o melhor para mim. E foi por isso que fui mais para a direita.”

[Homem, Partido Libertario, AMBA – Área Metropolitana de Buenos Aires]

Na maioria dos casos, o conteúdo político é consumido dentro das redes sociais. No entanto, há um consenso generalizado sobre a busca ativa, em mídias tradicionais, de conteúdos específicos de interesse.

e à sobrecarga de informações que geram emoções negativas: ansiedade, incerteza sobre o futuro, notícias trágicas sobre a pandemia, o meio ambiente e os feminicídios.

“Eu me cansei com tudo isso da pandemia, você fica mal com a mudança climática, é a geração da ansiedade, você acaba bombardeado de coisas e fica mal de novo, entra em depressão por tudo o que está acontecendo, a incerteza do futuro, o fato de não conseguir emprego. Por isso, desisti, me perdi na discussão e cansei. Eu lia sobre feminismo e coisas que estavam acontecendo, mas ultimamente eu quase não leio notícias.”

[Mulher, peronista/kirchnerista, NOA]

Finalmente, o consumo de informações sobre o mercado de criptomoedas surgiu como um passatempo. Esta situação se apresentou sobretudo entre aquelas pessoas identificadas com a direita e, particularmente, com o Partido Libertario. Consideramos esta situação relevante, já que dentro desses consumos específicos circulam ideias liberais que logo são reproduzidas politicamente.

2. Influenciadores (Influencers)

Ao longo das entrevistas, não houve evidências de uma centralidade dos influenciadores no consumo das redes sociais. Uma controvérsia em torno do papel dessas figuras foi gerada: enquanto alguns entrevistados os consideram uma perda de tempo ou um consumo vazio, outros os consideram como fonte de informação útil sobre determinadas temáticas.

“Eu particularmente não sigo muitos influencers porque não gosto deles. Se sigo pessoas com muitos seguidores que podem ser considerados influencers, são cantores ou coisas assim. Eu não gosto do conteúdo dos influencers. Que falam sobre temas tão banais, sempre anunciando coisas e fazendo recomendações. Não sei, não me chama atenção o conteúdo.”

[Mulher, kirchnerista/peronista, NEA]

No entanto, na maioria das entrevistas, destacou-se a figura de “Santi Maratea”, um influenciador argentino que faz várias campanhas nas redes para arrecadar fundos em benefício de causas solidárias. Dividiram-se entre aqueles que o conheciam mais e menos, por seu espírito solidário e honesto.

“Comecei a seguir Santi Maratea por suas arrecadações, mas não sigo muitos famosos”
(Mulher, kirchnerista /peronista, Centro)

“Ultimamente eu me prendi a Santi Maratea com as arrecadações, acho que é o que eu mais vejo, as histórias. [...] Acho interessante o que ele propõe... você pode ajudar estando em sua casa com um link de pagamento e você está colaborando com uma causa bem grande. Acho interessante isso das campanhas de arrecadação.”
(Mulher, antikirchnerista/antiperonista, Centro)

Entre as entrevistas identificadas com o Partido Libertário, a participação política dos influenciadores jovens foi evidenciada, uma vez que a abordagem a essa concepção ideológica foi produzida a partir de figuras das redes como Emmanuel Danann, Javier Milei e Álvaro Zicarelli. Os jovens que se identificam com esse partido confiam no conteúdo que esses *influencers* publicam, pois são “politicamente incorretos”, dizem a verdade e trazem dados, não opiniões.

“Gostaria de assistir aos vídeos com meu parceiro sobre Emmanuel Danann, eu amo porque ele diz as coisas como tem que ser. Tem também um youtuber que se chama El Dolarcito que é bem contra este governo e diz as coisas e mostra coisas.”
(Mulher, Partido Libertario, NOA)

“Milei traz um conteúdo diferente de todos os anteriores que foram dados ao longo de todos os anos. Então é por isso que Milei pode fazer outra coisa diferente. Eu acho que ele olha para os dados e não fala coisas só por falar. Eu acho que ele com os dados diz: ‘Bem, isso está acontecendo aqui e ali e isso supostamente vai acontecer’”
(Homem, Partido Libertario, AMBA)

Consideramos que essas figuras afastadas das responsabilidades institucionais e políticas podem fazer um discurso incorreto e até agressivo, que pode chegar a gerar certa atração em um setor da juventude. Ao mesmo tempo, há uma valorização em relação à crença de que as opiniões fornecidas são feitas a partir do conhecimento e dos dados objetivos.

Do mesmo modo, entre os entrevistados que se aprofundam em temas como feminismo ou ambientalismo, figuras consagradas nas redes se apresentaram como centrais no que

diz respeito a essas demandas, como Malena Pichot (referência para o feminismo) ou Enrique Viale (referência para o ambientalismo).

“Eu sigo a Male Pichot para me informar sobre feminismo.”
(Mulher, kirchnerista /peronista, Centro)

“Mais do que tudo no Instagram, eu sigo a Male Pichot, que amamos. Sigo também um monte de contas de distúrbios alimentares, que me informam muito e me dão esse espaço para aprender coisas novas, enquanto há influencers nutricionistas, veganas, que te fazem quebrar a cabeça, romper barreiras... Online mami é uma ativista gorda que acha ótimo que se comecem a mostrar outros corpos... esse tipo de influencers.”
(Mulher, kirchnerista /peronista, NOA)

3. Outros meios de comunicação

A grande maioria das entrevistas indicou que as pessoas não ouvem rádio nem assistem à televisão. Em muitas situações elas não tinham televisão em suas casas. E quando tinham, a usavam fundamentalmente para assistir a séries e filmes por plataformas digitais, entre as quais se destacaram a Netflix e o Youtube. No entanto, a maior presença dessas mídias tradicionais foi relacionada a seus pais ou mães, através dos quais eles se informavam sobre as notícias que circulavam nessas mídias.

No que diz respeito ao consumo de jornais, a situação era semelhante. No entanto, enquanto os entrevistados não leem o jornal diariamente, ele é valorizado como um lugar para procurar informações sobre algum assunto ou evento específico.

“Eu recebo anúncios do Infobae e o leio. Aparecem anúncios de notícias e entro se me interessa.”
(Mulher, Partido Libertario, NOA)

“Eu não escolho, mas, se vejo que no Facebook os políticos estão se apresentando, entro lá e vejo isso.”
(Mulher, Partido Libertario, NOA)

No entanto, consideramos interessante destacar o consumo de mídias tradicionais por meio de plataformas digitais; por exemplo, o consumo de trechos de programas de televisão no YouTube ou o consumo de notícias de jornais por meio de suas contas em redes sociais.

“Eu gosto muito do que é de La Nación, a parte de Jonathan Viale que é muito crítico do governo. Talvez de uma forma muito bruta, mas é bem crítico. Eu vejo isso no YouTube antes de dormir.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

“Eu não assisto à tv. Assisto ‘100 Argentinos Dicen’³, mas eu assisto no YouTube “

(Mulher, sem preferência partidária, CUYO - região localizada no centro-oeste da Argentina)

4. Política e informação

Na maioria dos casos, o conteúdo político é consumido dentro das redes sociais. No entanto, há um consenso generalizado sobre a busca ativa, em mídias tradicionais, de conteúdos específicos de interesse. Essa situação foi reiterada em relação às informações sobre a pandemia de Covid-19. Muitas pessoas entrevistadas disseram que, em seu início, se informavam por jornais. Essa estratégia foi utilizada também em relação a outras notícias que os mobilizaram emocionalmente como, por exemplo, feminicídios, situações de violência ou desastres naturais.

“Fomos nos conectando mais pela questão sanitária.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, Centro)

“Sim, eu zero, nada de tv, acho que a última vez que vi a tv foi no início da pandemia para ver o que estava acontecendo.”

(Mulher, antikirchnerista/antiperonista, Centro)

Os jovens identificados com uma determinada posição política compartilham mais conteúdo político em suas redes, especialmente conteúdo de humor político em referência aos temas da agenda. No entanto, a maioria dos jovens não segue figuras políticas, menos ainda organizações ou instituições da vida política. Finalmente, os entrevistados manifestaram não consumir nem compartilhar conteúdos contrários às suas opiniões políticas.

5. Desconfiança e notícias falsas

Existe um consenso entre os entrevistados de que as pessoas não usam corretamente as mídias sociais. Os motivos dessa avaliação estão essencialmente localizados na

agressividade dos discursos e na divulgação de notícias falsas. Por um lado, considerou-se que a polarização política fazia com que uma opinião diferente não fosse respeitada. Por outro, a presença de notícias falsas nas redes é considerada perigosa para o desenvolvimento da política, pois são maliciosas, distorcidas e compartilhadas por pessoas crédulas. Em muitas situações, os idosos são considerados as vítimas mais comuns das fake news.

“Eu acho que as pessoas mais velhas caem muito, na verdade todos. Mas, por exemplo, os noticiários, eu acho que eles sabem que têm um público de pessoas idosas e podem dizer o que quiserem, digamos, que caem mais nesse tipo de coisas. Por exemplo, eles dizem que estão faltando vacinas e as pessoas lá fora acreditam ou pensam que estão realmente faltando vacinas, esse tipo de coisa. Em épocas como de Covid, na pandemia do ano passado, sim, havia um monte de fake news e supostos profissionais saindo para dizer coisas nada a ver. Eu acho que as mídias sociais também se dirigem a um público desinformado e que tem o “retweet” fácil, digamos, e é compartilhado. Eu acho que a mídia social é um mundo novo para eles, o que acontece lá é a verdade, digamos.”

(Homem, sem preferência partidária, NEA)

Da mesma forma, enquanto todas as pessoas afirmam a existência de fake news, nenhuma se sente ou se lembra de ter sido vítima de uma. No entanto, eles reproduzem ao longo das entrevistas comentários de diferentes notícias falsas que circularam anteriormente.

“Iam fazer, não sei se foi finalmente aprovado, mas a ideia surgiu e é uma bobagem que proponham um Ministério da Menstruação. Isso é totalmente ridículo, para mim. Não teria por que haver um Ministério da Menstruação.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

Achamos interessante destacar que costumam limitar a circulação das notícias falsas ou fake news às redes sociais, não às mídias tradicionais como a televisão, o rádio ou os jornais. Desta forma, há maior confiança na informação que circula nesses meios do que nas diferentes plataformas digitais. Por esse motivo, em muitas situações evidenciou-se o hábito de buscar a confirmação de uma notícia encontrada nas redes sociais, geralmente de forma passiva, nos meios de comunicação tradicionais. No

3 “100 Argentinos Dicen” é um programa de entretenimento com perguntas e respostas, transmitido por um canal aberto de alcance nacional (Canal 13).

entanto, essa pesquisa é feita em quase todas as situações por intermédio do Google.

“Você tem que olhar bem se é algo lógico ou não. De qualquer forma, como agora temos essa possibilidade, você entra no Google e vê se é verdade ou não. Ou nos mesmos noticiários aparece se é verdade ou é um golpe” [...]. “Se você está em frente à câmera, eu não acho que tenha cara para enganar as pessoas que o veem ou o ouvem.”

(Mulher, Partido Libertario, NOA)

“É estranho que uma das fake news seja transmitida na tv; se isso acontecer, depois, uma discussão tremenda recai sobre ela.”

(Homem, antikirchnerista/antiperonista, AMBA)

“Uso o Google Notícias porque lhe dá a opinião de diferentes jornais, você não tem um único jornal, tem muitos, então você pode ler um pouquinho de cada um. E YouTube porque, bem, você pode ler sobre algum tema específico por conta própria.”

(Homem, sem preferência partidária, NEA)

No entanto, a confiança em relação a determinados grupos de comunicação varia de acordo com a posição política de cada entrevistado.

“Para mim, o comum dos meios de comunicação, que são de poucos proprietários, é ter muita fake news, especialmente agora com a vacina, com a Covid.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, NOA)

“O sistema em geral tem muita corrupção em tudo, é muito fácil para o filho de um funcionário conseguir um emprego, e talvez eles nem estejam estudando, mas como é o filho ‘de’ tem um seguro e um emprego por toda a vida; depois estou eu, que não sou ninguém, não sou filha de ninguém.”

(Mulher, sem preferência partidária, CUYO)

“Desde que nasci, acho que não está certo. Porque há casos de corrupção onde a justiça está. Creio que a justiça deixou de ser independente, e aí a democracia fracassa.”

(Jovem, Partido Libertario, Centro)

Essa concepção negativa da política convive com uma percepção de que é possível expressar-se livremente. No entanto, surgiram algumas situações em que consideram que as liberdades políticas foram restringidas.

“Liberdade sim, mas depois terá que sustentá-la. Os comentários têm de ser sustentados. Às vezes, é preferível não tocar em certas coisas, eu sinto que agora o fato de você apoiar está mais condenado [...]; por exemplo, com o aborto era uma questão delicada, você só pode ter uma opinião.”

(Mulher, Partido Libertario, Centro)

“Nas redes posso me expressar com calma, mas também nas redes se regula os amigos com quem compartilha.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, Centro)

Além disso, em todas as entrevistas há uma avaliação muito positiva da democracia, bem

[...] em várias situações, foi salientada a importância da inclusão de jovens nos locais de decisão política, considerando-os necessários para introduzir as demandas das novas gerações, difundir uma nova mentalidade e gerar representação.

6. Participação

Durante a avaliação da política, surgiu repetidamente a ideia da “corrupção”. Este conceito amplo pode simbolizar o roubo de fundos públicos, assim como o tráfico de influência e o gerenciamento de poder em prol de interesses pessoais.

como uma forte crítica ao último processo ditatorial argentino (1976-1983). Portanto, o processo eleitoral é confiável e valorizado. No entanto, os entrevistados consideram que há uma disparidade entre as esperanças e expectativas que geram as campanhas e a mudança que efetivamente se produz

em suas trajetórias pessoais. Algumas pessoas entrevistadas consideraram que as manifestações públicas não têm grandes implicações no desenvolvimento da vida política, que as redes sociais dividiram politicamente as pessoas e as afastaram da participação por medo de serem identificadas com algum partido político. Em vez disso, a participação em causas políticas é fortemente marcada por demandas atuais como feminismo ou ambientalismo.

“Na minha família há questões de perspectivas diferentes, mas por causa disso é que começamos a falar mais sobre esses temas. Por exemplo, de aborto, de inclusão e desse tipo de coisa. Existem diferenças, mas o assunto está na mesa agora.”

(Homem, sem preferência partidária, NEA)

Finalmente, em várias situações, foi salientada a importância da inclusão de jovens nos locais de decisão política, considerando-os necessários para introduzir as demandas das novas gerações, difundir uma nova mentalidade e gerar representação.

“Eu acho que agora, acima de tudo, se começa a dar lugar aos jovens, um lugar que antes não existia. Por exemplo, que Ofelia Fernandez⁴ esteja na legislatura. Tipo jovens ocupando bancos que deveriam começar a fazer as coisas dos jovens. Porque, por aí, alguns votam em adultos que não representam a juventude.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, NEA)

7. Organizações políticas e representação

Todos os entrevistados mostraram uma postura crítica em relação ao sistema de representação, tanto no que diz respeito aos partidos políticos, sindicatos e grupos a eles relacionados em particular, como às instituições em geral. Surgiu em repetidas oportunidades a necessidade de que aqueles que participam da vida política tenham interesse nela ou vocação e estejam formados para isso. Houve uma coincidência quanto à condenação e rejeição daquelas figuras “outsider” que desembarcam como candidatos sem experiência ou formação anterior.

“Eu acho que os jovens estão muito nas ruas, mas precisamos tirar os dinossauros que estão no poder e ditar as regras.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, Centro)

“Os adultos não querem mudar, são mais conservadores, os políticos são todos grandes, estão aí há mil anos, não se dá lugar a pessoas mais jovens e capazes de enfrentar os problemas que estamos vivendo agora.”

(Mulher, 23 anos, sem preferência partidária, Cuyo)

Além disso, pareceu muito forte a ideia de política como uma classe privilegiada, separada da sociedade, que só busca reproduzir seus interesses e permanecer no poder. De acordo com essa perspectiva, eles procuram *ficar* bem, em vez de *fazer* o bem. Essa leitura é transferida aos processos eleitorais, em que predomina a escolha do “menos pior”, ou seja, a ideia de votar em um para que o outro não vença.

A dicotomia esquerda-direita não apareceu como uma representação entre a maioria das pessoas entrevistadas. Aqueles que enfatizaram essas categorias foram os que se identificaram com o Partido Libertario. Eles usaram tanto a ideia de esquerda quanto de comunismo ou socialismo para identificar situações negativas. Acreditamos que é importante destacar essa situação porque, embora não tenha sido o léxico generalizado, ela ocorreu nessas situações de forma muito pronunciada.

“Eu não gosto da esquerda, mais do que qualquer coisa, pelo lado que leva ao comunismo. Que matou muitas pessoas. E que seguem esse tipo de política. De punir quem mais ganha. Como dizem que os ricos paguem essa bebida ruim, característica deles. E não, não vale para mim.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

“A esquerda, em vez de progredir, o que faz é ficar presa em um lugar de tornar as pessoas ricas mais pobres. E bom, os pobres não vão ficar ricos com o dinheiro que as pessoas ricas lhes dão, então esse sistema não funciona. O capitalismo, a direita, é o que funcionaria na Argentina como em 1895, quando foi a maior potência do mundo.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

4 Ofelia Fernández é uma militante política argentina que, desde 2019, atua como legisladora da Ciudad Autónoma de Buenos Aires pelo oficialismo nacional, Frente de Todos.

Alguns jovens, fundamentalmente aquelas pessoas mais próximas de posições de esquerda, reconheceram a presença dessas opiniões.

“Eu tenho um parceiro que sobe o tempo todo coisas sobre Milei e isso. E se perguntar a ele, não sabe responder a você ou dar a própria opinião. É só para ser contra o governo e porque sim.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, NEA)

Todas as pessoas entrevistadas se mostraram contra o envolvimento da religião na vida política, inclusive aquelas que participam ativamente de alguma. No entanto, aqueles que praticam a religião de forma efetiva destacam sua organização em relação à ajuda social.

8. Confiança nas instituições tradicionais

As instituições tradicionais são vistas com uma profunda desconfiança e consideradas sem legitimidade. Em geral, o Congresso é o primeiro a receber críticas, e isso ocorre principalmente em vista de sua visibilidade, ao contrário de outras instituições, como acontece com o Poder Judiciário. Assim, ao perguntar especificamente por esse último, a desconfiança é também profunda. E o mesmo vale para o Exército e para a polícia. O que é surpreendente nesses casos é que a desconfiança geralmente está ligada ao poder político da época e não tanto à instituição como tal.

“No Congresso eles demoram muito para tomar uma decisão, às vezes ouvem o povo, mas às vezes não. Eles tomam uma decisão que pensam ser a correta, mas ignoram o povo.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, NOA).

No entanto, ao longo das entrevistas, foi encontrada uma tendência em torno das identidades políticas: pessoas politicamente indefinidas e antiperonistas identificam o Congresso e seus funcionários como a principal instituição em mau funcionamento; já no caso dos peronistas, as críticas são dirigidas principalmente às forças de segurança e ao Poder Judiciário como um sistema de poder paralelo contra o povo.

“Não acontece nada com os criminosos. A polícia os prende 12 horas no máximo e os solta. Ocorre o mesmo com aqueles que

matam, pagam e saem. O Poder Judiciário é muito corrupto, assim como a política.”

(Mulher, Partido Libertario, NOA)

“O funcionamento do sistema judiciário é um dos piores de todos os poderes da Argentina.”

(Mulher, sem preferência partidária, Cuyo)

“Deixa muito a desejar. Há muitos casos, se veem todos os dias casos, a coisa mais comum que você ouve o tempo todo são mulheres que denunciaram e denunciaram. Nunca fazem nada e acabam mortas.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, NEA)

Ao perguntar sobre uma instituição em que confiam, a resposta é variada. Em algumas entrevistas, foi citada a Organização Mundial da Saúde em relação à sua participação durante a pandemia. Em outras, fundamentalmente aquelas mais vinculadas às posições de esquerda, as universidades públicas foram valorizadas. Nas entrevistas que revelaram maior proximidade das posições de direita, empresas privadas foram mencionadas, entendidas como garantia de eficiência.

“As empresas privadas me dão confiança porque usam seus próprios fundos. É claro que vão usá-los para o seu próprio bem. As públicas, às vezes, mais do que dar, vão gastar em coisas que não são necessárias para sua gestão.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

Diante da possibilidade de gerar propostas que melhorem essas instituições, surgiram a melhoria da economia e da geração de emprego, a regulação de cargos políticos e seus privilégios e a ativação de consultas populares.

9. Política nacional

Quanto à percepção da política nacional, a visão foi negativa em todos os casos. O governo de Mauricio Macri foi apresentado como uma má gestão e a metade do mandato de Alberto Fernández, eleito em 2019, não tem uma boa avaliação. As pessoas que se identificam com sua gestão localizam a responsabilidade precisamente na pandemia, mas com críticas também ao seu controle.

“Senti o governo muito distante no que foi a pandemia.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, NOA).

Nas redes, essa mulher compartilhava o desgosto sobre as decisões que o presidente tomava, porque não eram as necessárias.

“Eu acho que vai ser difícil. Precisamente por causa desta situação de pandemia e tudo isso, economicamente falando, acho que o assunto vai ser “heavy”. Mais alguns anos pelo menos.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, NEA)

Entre aqueles que se posicionam como opositores ao governo argentino, existe uma discussão sobre as possibilidades do macrismo e de outras figuras inovadoras que integram o Partido Libertario. Desta forma, evidenciou-se uma tendência política mais individualizada.

“Para mim agora, se Milei não estivesse lá, na verdade eu acho que eu votaria no Juntos por el Cambio, pois não me restaria outra alternativa. Então, bem, a nova alternativa é Milei. Para mim, o governo que o Macri encerrou em 2019 não foi dos melhores. Não foi tão ruim, mas sim, foi algo que poderia ter sido muito melhor. Então, por isso que ele é minha segunda ou terceira opção.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

Na maioria dos casos, a participação, mesmo quando baixa, estava em torno do feminismo, da legalização do aborto e do ambientalismo. Essas manifestações estão muito presentes no imaginário político da juventude. Outra situação ocorre em face dos protestos realizados em dezembro de 2001. As pessoas entrevistadas têm uma leve noção do que aconteceu, mas na sua maioria eram muito jovens ou, ainda, não haviam nascido.

Identificou-se uma opinião consolidada em torno da ideia da polarização que denominam “rachadura”, quando os políticos lutam entre si afastados da solução dos problemas sociais.

“O que mais eu rejeito na política atual é que, ao longo dos anos, vão se culpando mutuamente. Por exemplo, este presidente coloca a culpa no outro, que coloca num outro e assim ninguém vai consertar o país, e vai se criando um ciclo, lançando a culpa sobre todos.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

Por outro lado, foram identificados alguns comportamentos autoritários dos presidentes e ex-presidentes, mas em todas as entrevistas foram reconhecidos como governos democráticos, diferenciando-os das ditaduras militares; consideramos que isso poderia ser explicado pela condenação social que a ditadura carrega.

Por fim, em torno das expectativas para seu futuro, predomina uma percepção de vulnerabilidade e incerteza. Os jovens compartilham de uma visão de deterioração da economia argentina aprofundada pela pandemia, cujo principal problema é a inflação e a falta de trabalho. Por esta razão, aparece muito forte a ideia de deixar o país como horizonte de vida possível e busca de melhores condições de vida.

“Eu tenho a oportunidade de sair do país, porque tenho cidadania. Eu vejo isso como uma oportunidade, mas não sei se como uma realidade. Duvido.”

(Homem, Partido Libertario, Centro)

“Os jovens vêm com outro chip, outra mentalidade e isso vai ajudar a melhorar no futuro, mas economicamente é bastante incerto. No exterior, acho que temos mais oportunidades econômicas.”

(Mulher, kirchnerista/peronista, Centro)

“O futuro do país vai se deteriorar, eu acho que no futuro eu estaria em outro país.”

(Homem, antikirchnerista /antiperonista, Centro)

“O futuro do país é tão incerto que ninguém sabe o que fazer, todos nós temos ansiedade, eu imagino. Há 100 anos, a Argentina era a potência e a Europa estava destruída, e agora é o contrário. Espero que a Argentina esteja bem, mas vai ser um processo muito lento, que não se quer aguentar. E é isso que os políticos fazem, eles dizem: ‘nós vamos fazer esse processo, para ter sucesso, colocar a Argentina no topo’, mas eu não quero viver esse processo, você nem sabe se vai ser verdade ou não, você prefere não acreditar. O mais lógico e correto é ir para um país, para qualquer país que esteja bem.”

(Homem, sem preferência partidária, Centro)



Brasil

Contexto

O contexto político brasileiro se encontra atualmente dividido entre aqueles que apoiam o governo do atual presidente, Jair Bolsonaro, e os que o reprovam. Bolsonaro é um militar reformado de extrema-direita que atuou por trinta anos como um deputado de pouca expressão política e defende abertamente o legado da ditadura militar, algo inédito na história recente do país. Em 1985, após vinte e um anos de ditadura militar, o Brasil se tornou novamente um país democrático e, em 1988, aprovou-se uma nova Constituição de teor progressista. Após o impeachment do

níveis de popularidade. Em 2018, com a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, liderança popular de grande expressão no país e que fora presidente de janeiro de 2003 a dezembro de 2010, e o fortalecimento do conservadorismo no país nos últimos anos, Jair Bolsonaro, um dos mais radicais líderes de direita no mundo, saiu vitorioso nas eleições de 2018. Atualmente, a despeito do negacionismo frente à pandemia encampado pelo presidente, da piora dos indicadores econômicos e da crise política que o país atravessa, Bolsonaro continua gozando de cerca de 20% de apoio popular, ainda que mais da metade da população reprova seu governo.

Vários entrevistados afirmaram ter começado a ganhar consciência política, ao verem comentários nas redes de pessoas que seguiam ou de influenciadores de quem gostavam e com os quais concordavam.

presidente democraticamente eleito, Fernando Collor de Mello, que integrava um pequeno partido de direita, o país gozou de relativa estabilidade social, econômica e política entre 1994 e 2013, período em que se sucederam no governo federal governantes de centro-direita (1994-2002) e centro-esquerda (2003-2016).

Porém, em junho de 2013, manifestações populares reuniram mais de um milhão de pessoas nas ruas para protestar contra o aumento das tarifas de transportes públicos, muitas das quais se revelaram contra o sistema político como um todo, provocando uma queda vertiginosa da popularidade da então presidente do país, filiada ao Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff. Apesar de ter conseguido se reeleger em 2014, o segundo mandato de Rousseff foi atravessado por uma crise econômica e uma crise política relacionada a uma operação contra a corrupção (Operação Lava Jato) e pela demanda por seu impeachment. Em 2015 e 2016, protestos pela derrubada de Rousseff reuniram milhares de pessoas nas ruas, culminando com seu impeachment em agosto de 2016, quando assumiu seu vice, Michel Temer, um político de centro-direita que experimentou baixíssimos

1. Consumo de informação

O consumo de informações vem sobretudo das redes sociais, e quase nenhum entrevistado afirma ter o costume de criar conteúdos próprios mais elaborados (memes, vídeos), mas muitos declaram ser comum curtir conteúdos de outras pessoas. O Facebook já figura como uma rede menos utilizada, pois tende a ser associada a pessoas mais velhas. Em seu lugar entram o Instagram e o TikTok, mais utilizados para ver conteúdos leves, com humor, geralmente de amigos e familiares.

O uso de Whatsapp também continua intenso, a despeito da alta desconfiança em relação a mensagens que possam divulgar notícias falsas, desconfiança esta que é menor em relação ao YouTube, também bastante utilizado. Notícias de portais online pertencentes a grandes grupos tradicionais de mídia (por exemplo, UOL e G1) acabam sendo visualizadas mediante redes sociais ou por meio de pesquisas específicas com a intenção de se aprofundar sobre determinados temas.

“Instagram eu uso para praticamente tudo, notícias, pesquisar lugares, sigo pessoas do meu

círculo de convivência. Vejo pouca televisão, tudo que fico sabendo é pelo Instagram, se quero saber mais a fundo eu pesquiso.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio Grande do Sul)

“Eu só compartilho coisas para descontraír no dia a dia, porque a gente está vivendo uma realidade muito pesada, coisas para dar risada, fazer até uma piada da realidade. No dia a dia, procuro mais descontraír nas redes. Tenho vontade de criar conteúdo, mas tenho vergonha, tem um bloqueio; nossa, você vê a pessoa e pensa que ele faz muito legal os vídeos, acaba que nunca começo.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio de Janeiro)

“As notícias de verdade estão nas redes sociais, nas lives. No Facebook tem mais pessoas que apoiam ele (Bolsonaro) e passam a verdade.”

(Homem, votou em Bolsonaro, Rio Grande do Sul)

Por fim, durante a pandemia, muitas pessoas evitam ver notícias sobre este e outros assuntos tidos como “tóxicos”, ou seja, que retratam dor, sofrimento e injustiça. Desse modo, a pandemia reforçou a tendência de buscar conteúdos leves e bem humorados, que sejam capazes de afastar as pessoas da realidade do cotidiano, tida como “dura e maçante”. Assim, é comum o desejo de se sentir apartado dessa realidade e de socializar com outras pessoas por meio de jogos online, entre jovens homens, e de aulas de maquiagem e moda, entre jovens mulheres, ainda que, durante tais dinâmicas, conteúdos políticos acabem sendo discutidos. Finalmente, existem também relatos do uso das redes para “empreender” e se promover profissionalmente.

“Às vezes rolam alguns assuntos referentes à presidência, que o Bolsonaro estava doente, rola uma conversa que acaba gerando um debate. Ao entrar no jogo, você tem as salas e em cada sala tem participantes. Assim que alguém entra na sala, a gente inicia a partida e começa a rolar um debate sobre o dia a dia, alguma notícia. Todos têm liberdade para falar, e pode acontecer de você comentar – o meu dia não foi muito legal – e aí a pessoa entra em diálogo, conversa e acaba se esquecendo do que está acontecendo.”

(Homem, votou em Haddad, Brasília)

“Uso o Instagram para divulgar música, mostro meu processo de criação, posto trecho de música, foto, conteúdos de música em formato mais engraçado, em formato de meme.

Acredito que é a maneira mais eficaz, mais fácil, com melhor custo-benefício, porque o marketing online tem muito custo, e é difícil atingir esse público; e também faço sozinho, meu público é majoritariamente adolescente ou jovem adulto. O mercado está totalmente na internet, criando relação com esse público e criando relação diariamente.”

(Homem, votou em Haddad, Bahia)

2. Influenciadores (Influencers)

Vários entrevistados afirmaram ter começado a ganhar consciência política, ao verem comentários nas redes de pessoas que seguiam ou de influenciadores de quem gostavam e com os quais concordavam. Tal processo também podia ser desencadeado por comentários com os quais estavam em desacordo, o que fazia com que comesçassem a pensar sobre agendas nas quais nunca tinham pensado. Desse modo, a politização acaba ocorrendo muitas vezes em função da reação aos comentários alheios nas interações com influenciadores.

Uma forma específica de politização mediante influenciadores tem a ver com as questões de gênero. No caso das mulheres entrevistadas, sua relação com as blogueiras de maquiagem ou moda provoca uma reação que, com frequência, pode levar a um empoderamento tendo em vista duas dinâmicas: 1) seguir youtubers ou blogueiras de maquiagem que são modelos de mulheres fortes, independentes, com relacionamentos saudáveis e que não impõem padrões estéticos, 2) deixar de seguir influenciadoras femininas que impõem padrões de beleza tirânicos depois de um processo de tomada de consciência de quanto esses padrões causavam sofrimento. Nos dois processos, as mulheres que as seguiram se identificam como feministas.

“Antigamente, seguia muitas que falavam muito sobre estética, maquiagem, corpo, e isso ia me machucando, me incomodando, se tornava pesado; a gente dava atenção a coisas que não deveria, tipo a menina é mais magra que eu, tenho que emagrecer; aí entra no Instagram e está todo o mundo com corpo perfeito, vida perfeita, e você não tem aquilo e daí eu parei de seguir essas pessoas e comecei a seguir influenciadores que acreditam nas mesmas coisas que eu, ou gente que pensa diferente, mas tem uma troca legal.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio de Janeiro)

“Não seguiria nunca a Gabi Brandt porque ela é muito estereotipada, super estética, faz lipo, várias coisas estéticas, e vários rolos familiares, o marido trai, não me agrega em nada, gosto de fofoca, mas não agrega na minha vida.”

(Mulher, votou em Haddad, Paraná)

“Julia Tedesco é maquiadora, eu sigo ela e outras só voltadas para maquiagem, não se posicionam sobre nada, têm conteúdo sobre roupa, cores; Bianca Camargo também é maquiadora, sigo no Instagram, no Youtube. Elas têm um relacionamento cada uma e têm a vida delas separadas, e eles são parceiros, eu acho legal essa parceria, elas não perderam a essência delas, não deixaram de ser quem elas são, podem se encaixar perfeitamente em mulheres empoderadas. Elas passam a ideia de que você é linda do jeito que você é. Elas são embaixadoras da Avon, da Marisa, que são marcas que acolhem todo o mundo.”

(Mulher, votou em Haddad, Brasília)

Modelos femininos também aparecem no mundo conservador religioso, como influenciadoras cristãs e cantoras gospel que misturam valores e modelos familiares tradicionais com formas de empoderamento feminino. O modelo estereotipado da mulher religiosa como submissa nada tem a ver com os modelos femininos que essas jovens seguem nas redes, muito mais complexos e heterogêneos. A realidade é que tanto jovens mais progressistas como mais conservadoras podem estar afastadas dos circuitos do feminismo tradicional, mais intelectual ou universitário, porém, nutrem seus próprios modelos através das redes. Por último, as mulheres jovens que são mães também encontram online modelos de maternidade ou formas de expressar sua relação com os filhos.

“A Isadora Pompeu é uma cantora cristã jovem, Izabela Laiza é uma influenciadora digital cristã da cidade, Roberta Zuniga é uma influencer digital, é fitness mas é favor da família tradicional e tem valores que compartilho, ela é cristã, mas não é religiosa, vai ter foto de biquíni. A Izabela é conservadora com o tipo de relacionamento, e é um tipo de escolha que eu agrego na minha vida. Elas mostram a forma de Deus amar, na rua, ajudando o outro. E eu também gosto do corpo da Roberta, é muito disciplinada, tem um estilo de vida saudável.”

(Mulher, votou em Bolsonaro, Mato Grosso)

“Eu compartilho muito minha vida com meus filhos, meu marido, meu emprego; assim, eu me sinto bem quando tiro uma foto que estou bonita e gosto de compartilhar, quero que vejam que meus filhos são bonitos, são bem cuidados, são amados [...]. Sigo a Elida Fernanda, a mãezinha, compartilha muito da família dela, dos filhos, é mãe solteira, ela passa muita verdade no que ela faz e é muito engraçada. Eu gosto da Elida Fernanda porque ela é mãe solteira que não deixou se abater, ela é um modelo de pessoa, eu me espelho muito nela porque a minha vida não foi fácil porque eu também sofri muito para criar meus filhos”

(Mulher, votou em Bolsonaro, Mato Grosso)

3. Outros meios de comunicação

Entre os entrevistados, a mídia tradicional, sobretudo a televisão aberta, está muito atrelada à família, enquanto os jovens preferem conteúdos de plataformas como Netflix, Disney+, AmazonPrime, entre outras.

“Assisto bastante à televisão com meus pais, geralmente, Jornal Nacional, Fantástico.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio de Janeiro)

“Eu costumo assistir ao jornal da TV ou à novela da Globo com meus pais; quando estou sozinha uso a TV, mas para série, Netflix.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio de Janeiro)

Porém, mesmo durante épocas específicas de grande intensidade política, como as eleições de 2018, são raros os jovens que têm acesso a revistas e jornais impressos. Considerando as preferências políticas dos entrevistados, existe uma rejeição mais intensa da televisão em geral, e da Rede Globo especificamente, entre jovens que votaram em Jair Bolsonaro.

“Tenho mais acesso ao Facebook. As notícias de verdade estão nas redes sociais, lives. Atualmente, na TV tem muita mentira, como sobre as carreatas do Bolsonaro, e no Facebook tem mais pessoas que apoiam ele e passam a verdade.”

(Homem, votou em Bolsonaro, Rio Grande do Sul)

“Globo passa fake news, é mentira, porque é contra o governo. A Globo apoiava o PT”.

(Homem, votou em Bolsonaro, Rio Grande do Sul)

4. Política e informação

Embora a mídia tradicional seja avaliada como pouco transparente, enviesada nas informações, com interesses político-partidários e, portanto, não totalmente confiável, ela ainda aparece como um “porto seguro” diante da proliferação de notícias falsas na internet que serão abordadas na próxima seção.

“A imprensa é fundamental para todo o processo de informação. Na parte científica tem sua validade, comparada com as coisas sensacionalistas. Sim, tem interesses por trás. A Record (rede de televisão aberta brasileira), por exemplo, tem seu viés claramente. A mídia vai ter essa questão do interesse por trás, por isso é importante que a pessoa que esteja vendo isso tenha capacidade de pesquisar e não se ater a uma fonte apenas. Para a maior parte da informação política, eu acompanho portais da grande imprensa, G1, Globo, Folha, o Gaúcho ZH, Correio do povo. Podem aparecer as notificações ou, geralmente, eu mesmo abro para acompanhar.”

(Homem, votou em Haddad, Bahia)

“Acredito que a mídia tradicional traz um respaldo um pouco maior porque na internet fica um pouco vago. Os grandes portais independentes com grande respaldo e credibilidade são confiáveis. Na TV já tem um filtro, na internet depende do filtro, tem de tudo, tem veículos confiáveis, com bastante renome, mas é um pouco mais difícil saber de quem está vindo. Na TV, todo o mundo sabe quem está por trás, na internet você não sabe quem está por trás, rolam bem mais soltas as fake news. Por exemplo, eu vou me informar pela internet, mas a partir do filtro que eu tenho dos portais, por um G1 (portal de notícias da internet vinculado à Rede Globo), é mais questão disso do que a própria plataforma.”

(Homem, votou em Bolsonaro, Brasília)

5. Desconfiança e notícias falsas

Todos dizem sentir muito receio considerando a possibilidade de serem enganados por meio de mensagens falsas. Assim, afirmam que, embora a mídia hegemônica também seja parcial e enviesada, é no ambiente online que a desinformação é mais abundante.

Os entrevistados consideram um conteúdo falacioso quando ele parece absurdo ou fantasioso demais, quando é muito viralizado, quando deriva de uma fonte desconhecida ou pouco confiável ou quando é compartilhado por uma pessoa da qual pouco se conhece sua formação no assunto. No que tange à checagem, todos dizem olhar informações em jornais, sites ou influenciadores de diversos perfis ideológicos para contrastar a informação, “googlear”, perguntar à sua rede de confiança (amigos que afirmam disporem de maior conhecimento). É raro quem afirme utilizar sites de checagem específicos.

“Quando vejo que não é uma fonte muito confiável, um site que eu desconheça, em que eu não tenho confiança, pois recebo de pessoas em que não tenho muita confiança de que entendam de determinados tipos de conteúdo, uma pessoa que eu sei que é desinformada sobre tal assunto, eu jogo a informação no Google, vejo se tem algum outro site em que eu confio relatando sobre esse fato e, caso não tenha, percebo logo que é fake.”

(Homem, votou em Haddad, Bahia)

“Em 2018, foi uma coisa muito presente, não tinha muito como saber o que era verdade; em casos como esse, o que eu faço é, além de dar uma pesquisada meio por cima, dar uma olhada no Google, falar com pessoas que entendem, que leem bastante, como meu namorado, ou uma amiga minha que está estudando para vestibular e lê muito.”

(Mulher, votou em Haddad, Paraná)

A maioria dos entrevistados, embora afirme que se manifestar é importante para a saúde democrática, diz nunca, ou quase nunca, ter ido a uma manifestação.

Hoje em dia, reconhecer fake news tem se tornado difícil. Eles [quem as divulga] têm conseguido inovar, o Google ajuda muito a filtrar, mas é na base da pesquisa, procuro em outros dois, três sites confiáveis, são sites verificados pelo Google, eles oferecem esse padrão de segurança, o site do Metrôpoles, o do Correio Braziliense. Eu suspeito quando a informação é muito fantasiosa, são coisas absurdas.”

(Homem, votou em Haddad, Brasília)

6. Participação

A maioria dos entrevistados, embora afirme que se manifestar é importante para a saúde democrática, diz nunca, ou quase nunca, ter ido a uma manifestação. As razões são diversas: por não se sentir motivado com esse formato (entendendo que ocupação das ruas é conflito ou baderna), porque as manifestações seriam muito politizadas ou partidárias, ou ainda por medo da violência por conta da reação da polícia, ou ainda para não criar conflito em casa. A maioria das pessoas alinhadas à esquerda apoia a ocorrência de protestos, mas não se sente totalmente à vontade com esse modelo de engajamento para si próprios. Porém, há aqueles, sobretudo que se afirmam de direita ou que não têm preferência política e tendem a não ser entusiastas de manifestações porque as associam à radicalidade, vandalismo e baderna.

“Eu não fui [a alguma manifestação], morava com meu pai e ele é conservador, é contra manifestações em geral, ele nunca foi a uma manifestação; eu nunca abri oportunidade para isso também para não criar conflito, ficava com receio de pensar que ele não entenderia, eu não ia abrir um bate-boca.”

(Mulher, votou em Haddad, Paraná)

“Eu já participei faz anos, mas eu não sabia qual era a causa, era algo sobre os estudantes, meus amigos e professores estavam lá; eu gosto, acho bonito e de muita coragem. Meus amigos me explicaram e a gente foi. Eu não fui a outras, eu não costumo sair por conta de onde eu moro, por conta do preço da passagem.”

(Mulher, votou em Haddad, Pernambuco)

“Eu faço arrecadação de alimentos com uma pessoa que eu conheço e nunca pensei muito nisso [manifestações] pelo fato de estar na rua, fazendo baderna. Eu apoio, mas para eu ir, estar

no meio, não. Eu até que poderia ir, mas se fosse realmente calma.”

(Mulher, votou em Haddad, Pernambuco)

Nunca tive essa iniciativa, mas com certeza é importante, às vezes não fui até por medo de policial jogar spray de pimenta.”

(Homem, votou em Haddad, Bahia)

“Eu nunca fui esquerda nem direita, não gosto do radicalismo da esquerda, a questão da liberdade total, ah, vamos fazer greve, não gosto do movimento da esquerda, todo ano tem greve de professor, então já é fato que a greve não funciona.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio de Janeiro)

O engajamento online é, normalmente, realizado a partir de causas concretas, próximas da realidade dos jovens. É preciso que eles considerem que seja uma causa “honestas”, em prol do bem comum, como doações de cestas básicas ou de roupas, causas animais, reações contra abusos a mulheres etc. Todas essas ações são tidas como políticas, mas são vistas como desconectadas da política “governamental” ou partidária.

Além disso, os jovens procuram se engajar também em atividades e organizações que sejam transparentes, porque desconfiam de grandes projetos ou de ONGs em que não há controle de processos ou finanças. Ou seja, o engajamento online ocorre quando há uma causa social que cumpra com os critérios de proximidade e confiança.

“Todo final de ano, a mãe da minha miga arrecada cesta de Natal, anunciamos no Instagram e fazemos doação. É muito gratificante. E também, nesses dias, estava fazendo muito frio e, ai, o pessoal de igreja dá lençol e edredom que não usa mais.”

(Mulher, votou em Bolsonaro, Mato Grosso)

“Tenho Razões para Acreditar’ é uma página para ajudar, publica muito sobre pessoas que estão precisando de ajuda, é uma página transparente, divulga como o dinheiro está sendo utilizado, famílias na pandemia desempregadas, uma pessoa que precisa de um exame.”

(Homem, votou em Bolsonaro, Alagoas)

“A minha forma de ajudar é compartilhando, curtindo.”

(Mulher, votou em Haddad, Brasília)

“Para eu me envolver em qualquer projeto teria que saber que o interesse é real, o objetivo seria o bem e não o de tomar o poder, falta verdade.”

(Homem, votou em Haddad, Bahia)

“Eu me engajo ao máximo nas redes. Fiz uma campanha de doação de absorvente para nossa cidade e eu pude ver que a gente teve uma influência muito grande; agora um projeto para castração de animais de rua, no Instagram muita gente de longe se interessa quando postamos essas coisas. Tivemos umas meninas de Maringá que fizeram uma doação gigante de absorventes, e nossa cidade foi a primeira do Paraná que aprovou a lei de instituir absorventes nas escolas municipais, e foi por nossa causa.”

(Mulher, votou em Haddad, Paraná)

Já a participação em instâncias tradicionais, como partidos e demais organizações políticas como sindicatos e centros acadêmicos, ou mesmo em instituições governamentais, como câmaras municipais, tende a ser baixa e há muito desconhecimento e desconfiança em relação a tais espaços. Alguns estudantes universitários eventualmente seguem as redes de vereadores que votaram e de quem esperam autenticidade e transparência na comunicação com o eleitorado.

7. Organizações políticas e representação

A maioria dos entrevistados teve dificuldades para definir o que significam termos como ‘democracia’, ‘Estado’ e ‘Congresso’. Para a maioria, democracia tem a ver, principalmente, com liberdade, direitos e bem coletivo. Foram raros, porém, aqueles que citaram a participação cidadã como algo presente no fazer democrático, e essa ideia costumava aparecer como algo que deveria ser uma realidade mas não é. Já o Estado figurou como outorgante de serviços alheios à população, foram poucas as referências ao Estado como uma esfera que prevê participação cidadã ou construção coletiva.

A democracia, o Estado, e o Congresso, no Brasil, são tidos como deficitários, intrinsecamente corruptos, representando apenas os interesses das elites, dos políticos e não da população. A

desigualdade social aparece também como um impeditivo para o desenvolvimento de uma democracia saudável, e, por fim, a corrupção, nas suas múltiplas dimensões, aparece como a causa fundamental da precariedade da democracia no país, independentemente da ideologia dos entrevistados.

“Democracia é direito igual para todos. Liberdade de escolha, liberdade de expressão, e o papel da população é saber que não pode fazer o que quiser sem pensar no outro, tem que pensar em todos, não pensar só em mim.”

(Mulher, sem preferência partidária, Santa Catarina)

“Sou totalmente a favor, a democracia existe para a gente poder debater, se posicionar, mas em alguns momentos a gente nem acredita muito na justiça, político faz coisa errada e nem acreditamos que vai vir punição, quando você quer tirar presidente, fazer impeachment, quem está lá dentro mexe os pauzinhos independentemente de estarmos numa democracia.”

(Mulher, votou em Haddad, Brasília)

“O Estado é um conjunto, como é que vou explicar, cada pedaço tem sua realidade e o Estado é o conjunto disso, é cuidar disso.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio de Janeiro)

“Ter direitos iguais, acessibilidade para todos, ter mais direitos, os direitos que devem se ter e que você não tem num governo autoritário em que somos silenciados; democracia vem para nos dar essa voz...; um regime verdadeiramente democrático teria que colocar realmente em prática a legislação que temos, você tem direitos para uma elite, para as pessoas que detêm o poder, o espaço... não temos uma democracia que deveríamos ter, não atendemos ao que está no papel...; o maior problema creio que seja o poder, a pessoa que tem dinheiro fica com mais dinheiro, desigualdade, quem está no poder não olha para o povo, olha só para a elite.”

(Mulher, votou em Haddad, Pará)

“Estado é algo sobre território, poder, governo, leis, mas não funciona bem porque poucos, pouquíssimos estão lutando por um direito nosso...; o Estado ideal deveria funcionar como a democracia, com acessibilidade de direitos, uma utopia, colocar em prática tudo o que deveria ser o correto, se alguém é julgado deve ser julgado da mesma forma, não porque tem mais ou menos [...]. Congresso é aquele

local onde todos os políticos se reúnem para discutir as políticas de Brasil, leis que vão ser aprovadas, tudo o que envolve a política; no Brasil, creio que não funciona pela mesma questão, a corrupção, então, para mim, não é válido; às vezes, projetos de leis bons não são aprovados por politicagem, vai beneficiar o povo mas não vai beneficiar a gente, então cortam, basicamente isso, os interesses deles [...]; deveria ser feita uma reforma em toda a política do Brasil, talvez diminuindo o número de deputados, tem muitas pessoas que não

Para os jovens mais progressistas, momentos de crise democrática deveriam ser resolvidos com maior participação popular. Contudo, eles próprios afirmam que a juventude deveria se engajar mais, pois participa pouco de processos políticos institucionais.

Nesse sentido, a maioria dos entrevistados propõe fortalecer as organizações coletivas, mas sem abandonar a política tradicional; porém, eles se engajariam fundamentalmente nas primeiras. Além disso, a maior fiscalização

A maioria dos entrevistados propõe fortalecer as organizações coletivas, mas sem abandonar a política tradicional; porém, eles se engajariam fundamentalmente nas primeiras.

sei nem por que estão lá, deveriam tirar todo o mundo e tirar mais pessoas, porque tem gente que está muito tempo e não fez nada de bom, só com uma reforma, uma nova votação, deveria haver uma renovação constante.”

[Mulher, votou em Haddad, Pará]

Exemplos de países democráticos para os entrevistados são aqueles tidos como mais igualitários e/ou com serviços públicos de qualidade. De modo que democracia e baixos índices de desigualdade social aparecem como sinônimos para vários entrevistados.

“Países como Dinamarca, Holanda são bem promissores nessa parte da democracia em si, são países em que a desigualdade social é muito baixa.”

[Mulher, sem preferência partidária, Santa Catarina]

“Tem vários, sim, Canadá é um lugar muito democrático, a renda é distribuída de uma forma em que as pessoas podem ter qualidade de vida.”

[Mulher, votou em Haddad, Pará]

“Eu achei muito legal a política da Noruega, eles são um país bem democrático, eles têm todos os direitos básicos para a população, educação de muitíssima qualidade, segurança.”

[Mulher, votou em Haddad, Pará]

por parte da população também aparece como algo importante para fortalecer a democracia.

“A solução em momentos de crise seria dar mais poder para o povo, mais poder de escolha, na Câmara, por exemplo, nos Ministérios e também a participação popular, acho interessante. Ah, mas aí tem que engajar jovem principalmente, jogar nas redes.”

[Mulher, votou em Haddad, São Paulo]

“As instituições perderam muito a confiabilidade, a credibilidade, as forças do Estado deveriam [...] e a visão do coletivo deveria prevalecer, eu vejo muita mais solução em ações comunitárias independentes de partidos políticos. Vêm muito mais de organizações da população do que de organizações de Estado. Acredito que isso dá mais resultado do que organizações político-partidárias.”

[Homem, votou em Bolsonaro, Brasília]

“Fortalecer os partidos não vai fazer as pessoas acreditarem mais, teria que ser melhorar a participação cidadã, mas também não se pode simplesmente abandonar a política tradicional, não podemos cair nos extremos.”

[Homem, votou em Haddad, Bahia]

“Por exemplo, tem um canal no Youtube, Luciano Big, para fazer com que as pessoas cobrassem mais, por exemplo, deixar

um monte de cartas para um deputado, pressionar sobre o projeto tal. É uma coisa mais prática. Eles se dedicaram a investigar os benefícios de combustível e acharam inúmeras irregularidades dos deputados com isso, reuniram tudo e deram para o Ministério Público. É um grande exemplo de participação popular.” (Homem, votou em Hadadd, Brasília)

A grande maioria dos jovens não conseguia lembrar dos deputados federais e estaduais em que havia votado em eleições anteriores. Os vereadores, porém, são mais lembrados e inclusive aparecem casos de jovens que se engajaram em campanhas políticas de candidatos que eram familiares, amigos e pertenciam às igrejas que frequentam. Dessa forma, a política local, por ser mais próxima da realidade cotidiana, parece atuar como uma porta de entrada para a política que é mais acessível para a juventude não engajada partidariamente. Vereadores próximos, que possuem histórico de compromisso com os mais carentes, que se revoltam contra ações de corrupção, que são ativos nas redes sociais e promovem transparência são figuras mais susceptíveis para criar vínculos políticos.

“Não participo, sou bem neutra, talvez seja um desleixo, falta de interesse. Tem roubalheira, você acaba frustrada, teve uma vereadora aqui em quem eu senti confiança, postei no meu Insta, mas eu conhecia o caráter dela [...]. Tem os vereadores daqui da cidade. Icaro é um rapaz muito inteligente, tem uma história de vida bonita, o irmão dele morreu e ele faz grandes coisas pela cidade; e o prefeito, eu gosto, está fazendo coisas boas, ele investe na saúde, escola, visita as escolas, tem projeto de inclusão social das pessoas mais carentes. Ele não compactua com tudo. O que ele discorda leva para o Instagram e coloca. Ele votou contra aumento de salário de vereador, ele impõe o não. É muito importante postar, tem um alcance muito grande, as pessoas têm que se atualizar na questão de rede social, têm que investir.”
(Mulher, votou em Bolsonaro, Mato Grosso)

“Eu ajudei a mãe da namorada de um amigo, a candidatura dela; aqui na cidade, eu sempre procuro ajudar aquele político que sempre vai trabalhar pela cidade, para mim não importa o partido. Se fosse alguém do PT votaria também, pode ser de qualquer partido, mas se for trabalhar, ok. Ela trabalha, eu vi os projetos. Eu apoiei para deputado o Isnaldinho Bulhoes,

ele é daqui da cidade e ele é uma influência maior para trazer coisas para a cidade.”

(Homem, votou em Bolsonaro, Alagoas)

“Eu votei em Ibis, para o prefeito, no Maranguape Paulista, ele estava com uma proposta muito boa, questão de asfalto, policiamento, abrir mais vaga de emprego, eu já conheço ele e foi um ótimo profissional.”

(Mulher, votou em Haddad, Pernambuco)

8. Confiança em instituições tradicionais

Toda a esfera institucional, em geral, é vista com desconfiança. As organizações melhor avaliadas nesse sentido são as ONGs, desde que sejam pequenas, porque as maiores seriam passíveis de desvios, e as universidades, bem como o sistema escolar em geral. A espiritualidade e ajuda ao próximo é avaliada positivamente, mas as igrejas são consideradas lugares conservadores e de “mentalidade retrógrada” por entrevistados que se consideram religiosos mas se afastaram da prática cotidiana da fé ou que não se identificam com religiosidade alguma, e muito deles só se vinculam a elas por laços familiares.

As polícias são de forma frequente vinculadas, sobretudo por pessoas progressistas, a milícias e ao racismo; já o Exército é visto positivamente por pessoas que votaram em Bolsonaro. A Justiça, por sua vez, é vista como conivente com a corrupção política. Sobre as empresas, ainda que a dinâmica do empreendedorismo seja valorizada, as grandes empresas também são vistas com desconfiança, por serem passíveis de corrupção.

“Sindicato é uma coisa que não se encaixa no meu dia a dia atualmente.”

(Mulher, votou em Haddad, Brasília)

“Na igreja da família, onde vão minha mãe, minha avó e fui indo junto, participo das festas, mas eu não trabalho lá como catequista, isso, não concordo com muitas coisas que as pessoas defendem lá dentro, gosto de estar próxima a Deus, mas não preciso estar lá, e meio que por ser algo familiar, você vai lá para sair leve, e certas opiniões que apontam o dedo..., tem muito dessa coisa da mulher ser inferior ao homem.”

(Mulher, sem preferência partidária, Rio de Janeiro)

“Eu sou grande apoiadora de ONG principalmente das menores [...]. Com igreja sou bem preconceituosa, é muito difícil achar uma igreja com mente aberta, é uma influência gigantesca que padres e pastores têm... o meu namorado saiu da igreja porque o pastor era extremamente homofóbico [...]; essa coisa de empreender é legal, coisa pequena, mas empresa, depende, eu sou muito de coisa pequena, ajudar os pequenos empreendedores, as empresas grandes acabam se perdendo em questão de valores, questão de patrocínios”

(Mulher, votou em Haddad, Paraná)

“É importante a polícia, mas deveria ter uma limpeza porque muitos são corruptos, muitos são milícia, tem também o pensamento racista... O Exército acabou ficando um pouco manchado com a própria postura do Bolsonaro ser ignorante mesmo, e falta capacitação para eles.”

(Homem, votou em Haddad, Bahia)

“As polícias estão na mesma linha que os políticos. Corrupção na polícia está rolando muito. A polícia tem muito preconceito, é muito agressiva com as pessoas pobres. É como se a polícia só servisse para elite, como a política. Os pobres são tratados igual a um cachorro de rua, como se a lei só valesse para os pobres [...]. As empresas são boas porque elas que geram os empregos. Tem empresas que são ruins, que são carrascas, que não pensam no colaborador, mas tem outras que são como uma família.”

(Mulher, votou em Haddad, Pará)

“Quando a gente é obrigado a se alistar, a gente aprende a confiar neles (no Exército), isso é introduzido na nossa mente. Eu gostei do serviço militar, mas eu casei e não consegui seguir a carreira. Eu gostava de dar tiro. Gostava muito de ir para a mata, de acampar fora.”

(Homem, votou em Bolsonaro, Rio Grande do Sul)

9. Política nacional

A maioria dos jovens progressistas diz vivenciar um clima muito tenso em casa por ter famílias ou progenitores mais conservadores, o que torna muito difícil o diálogo e o aprendizado político. Essa divisão familiar provocada pelo contexto político brasileiro atual também contribui para que os entrevistados, em geral, percebam a política como uma forma constante de enfrentamento e divisão, já que em seus próprios lares a política é experimentada dessa forma, e as redes sociais também figuram como espaços de briga política constante e agressividade permanente. Portanto, para muitos, é melhor calar e não expressar sua opinião.

“Eu sempre fui uma pessoa muito na minha porque, na minha família, meu pai e minha irmã sempre tiveram discussão. Depois que morei com meu namorado, ele é muito politizado e cobra mais de mim, então entrei no Twitter e comecei a ver mais coisas.”

(Mulher, votou em Haddad, Paraná)

“Eu debato bastante com amigos, algumas pessoas da minha família, e eu gosto muito de escutar opiniões de professores, eu escuto com carinho. Família, meu pai tem uma linha de raciocínio muito diferente, a maioria votou em Bolsonaro e é um ponto de dificuldade para mim, é difícil tentar debater... com certeza para mim seria importante poder debater com meus pais. Minha avó me contou a experiência dela com outros presidentes, acho que super agrega, eu acho que seria muito legal conversar com os pais sobre isso.”

(Mulher, votou em Haddad, Brasília)

“A gente conversa entre si, tipo nós aqui, os amigos, círculo de amizades ou círculo familiar, porque a internet é terra de ninguém.”

(Mulher, votou em Haddad, Pernambuco)

Alguns jovens bolsonaristas defendem que, em um momento de grave interferência de poderes, uma intervenção de caráter autoritário poderia ser importante para proteger a democracia de abusos.

Para a maioria dos jovens progressistas, o período mais democrático que houve no Brasil foi com o PT, porque o partido teria oferecido mais oportunidades de acesso a direitos para a população, mas, infelizmente, não teria sido totalmente democrático por conta de seu envolvimento em casos de corrupção.

Já os jovens bolsonaristas têm uma interpretação diferente. Para eles, o PT é profundamente antidemocrático por ser um partido corrupto, e Bolsonaro teria chegado para melhorar a democracia no Brasil. Em sua visão, os políticos de esquerda ou extrema esquerda seriam autoritários porque seriam corruptos e porque não respeitariam a propriedade privada, de modo que Bolsonaro seria um democrata porque é honesto e respeita a liberdade.

“De uma certa forma, com o PT houve mais democracia, tendo mais direitos, bolsas de estudo... neste governo não está tendo, estão tirando educação das pessoas, coisa que, de uma certa forma o PT está fazendo. Mas nenhum partido político está ali para de fato ajudar, nenhuma escolha é 100% confiável. Sempre vai ter uma coisa a ser escondida, rachadinha, Lava Jato, essas coisas... Mas política é politicagem, corrupção.”

(Mulher, votou em Haddad, Pará)

“Quando a gente observa a postura de um governante autoritário, a gente observa alguém que... – como posso dizer?, – na Coreia, eles têm o retrato dos líderes em todas as casas, aqui não, ele foi formado em academia militar, mas ele não é autoritário, não tem nenhuma razão para pensar isso. Ele antes era um deputado bem sério nos princípios dele, isso é você se respeitar, não ser autoritário. Ele veio para fazer um Brasil livre, a propriedade privada, nós temos o Boulos, por exemplo, invadindo a propriedade, isso é autoritarismo. No Instagram, o Bolsonaro posta coisas positivas, mostra o serviço dele, presta contas, ele é transparente, o Boulos, a gente entra na página dele e a gente vê ataques. Lula a mesma coisa que Boulos, diga com quem andas digam quem és. Como alguém que anda com o pessoal do Partido Comunista Chinês e com o pessoal de Cuba, como uma pessoa que tem laços com essas pessoas, que publicamente defende a ação do governo de Cuba na semana passada contra a população, como alguém que defende esses governantes é um democrata?”

(Homem, votou em Bolsonaro, Brasília)

Vários dos jovens que votaram em Bolsonaro apontam que o político é intolerante e até mesmo autoritário, por conta de seu passado militar. Porém, para alguns esse autoritarismo é interpretado positivamente, pois dizem que, no momento atual, o país precisa de regras e de firmeza e que o regime democrático não seria capaz de fazer isso em momentos de crise.

Ainda entre os jovens que votaram em Bolsonaro, há aqueles que rejeitam o que percebem como atitudes intolerantes e estão desiludidos com seu governo e seu estilo de governar, mas há também quem defenda que Bolsonaro é o melhor presidente que Brasil já teve porque é honesto e defende a vontade da maioria.

“Não, autoritário ele não é, é a forma que ele foi... ele é militar, a forma de falar, de se expressar, e esse é um ponto negativo para ele, deveria ser mais articulado. Ele não é autoritário porque ele não impõe. Ele é um democrata, ele age pela democracia porque ele vê a vontade de maioria, como o caso do armamento da população.”

(Homem, votou em Bolsonaro, Brasília)

Alguns jovens bolsonaristas defendem que, em um momento de grave interferência de poderes, uma intervenção de caráter autoritário poderia ser importante para proteger a democracia de abusos.

Alguns jovens argumentam que essa intervenção deveria ser feita com o apoio da população e outros que deveria ser levada a cabo de forma unilateral pelo presidente do país, que saberia quando “a democracia está em risco”. O mais importante é que, para os jovens que defendem esta ideia, não se trataria de um golpe ou um retrocesso constitucional e sim um momento legítimo de uso da força para melhorar, fortalecer e oxigenar a democracia.

A interpretação da ditadura militar brasileira é causa de divergências entre jovens que votaram em Bolsonaro. Para alguns, a liberdade de expressão é inalienável e criticam o período ditatorial por não ter protegido essa liberdade. Mas, para outros, seguindo a narrativa bolsonarista, o que houve foi um regime militar de proteção do povo brasileiro frente a ameaças comunistas, e não uma ditadura militar.

“Democracia é liberdade de expressão, de opinião, o modelo de nosso Estado respeitar as normas constitucionais, eleições diretas. O Brasil não é totalmente democrático, mas

Brasil

a gente tem muita liberdade. Totalmente não, porque o modelo constitucional não é seguido à risca, existem crimes com impunidade, existem interpretações de normas, em questão de oportunidade para quem é classe média, existe pobreza e as oportunidades não são as mesmas [...]. Nunca se diz nunca a um regime mais autoritário, a partir do momento que houvesse interferência entre os poderes; se o Supremo quer derrubar um presidente sem ele ter ferido uma norma ou ter tido crime de responsabilidade, eu acho que aí deve se intervir sim. Teria que ser uma coisa muito evidente para toda a população, a gente tem liberdade de expressão. A população com certeza deveria estar junto em sua maioria. Uma coisa unilateral com certeza não, porque aí não seria democrático.”

[Homem, votou em Bolsonaro, Alagoas]

“Você não poder expor, não poder ter sua vontade, diferentemente do que aconteceu aqui na época militar, não foi uma ditadura

militar, foi um regime militar, parte da população que era a favor da esquerda reclama que pessoas sofreram alguns abusos de autoridade, que foram presas, mas a gente tem que observar os princípios morais e éticos, não dá para fazer qualquer coisa na rua. A censura que houve foi relacionada a atitudes que não tinham muito valor moral, tipo tava num grupo de pessoas fumando maconha, a polícia chegava lá.”

[Homem, votou em Bolsonaro, Brasília]

“Se ele [Bolsonaro] perdesse, eu pensaria que foi uma fraude. Fechar o STF não concordo no sentido da democracia, fechar um órgão assim não é tão democrático, o que eu realmente acho é que deveria ser feito é a renovação dos ministros. São falas antidemocráticas, mas falas que eu considero necessárias. Não precisa nem fechar, mas mudar, que a gente pudesse escolher.”

[Homem, votou em Bolsonaro, Brasília]

Em geral, os jovens consomem grandes quantidades de informação o tempo todo por suas redes sociais, que se tornam lugares de socialização, aprendizagem, entretenimento, discussão e lazer.



Colômbia

Contexto

Um marco temporal fundamental no panorama político colombiano são os anos 1970. A política nacional foi alimentada pelas tensões internacionais da época, ou seja, a Guerra Fria. No território, vários exércitos civis se consolidaram, compostos em sua maioria por camponeses sobreviventes que tinham constituído a resistência do período La Violencia, dos anos 1950. Motivados pela causa de libertação nacional e com bases ideológicas socialistas, surgem as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o Exército da Libertação Nacional (ELN), o Exército Popular de Libertação (EPL), entre outras, popularmente conhecidas como guerrilhas. Desde então, tornou-se o objetivo militar do Estado colombiano, apoiado econômica e militarmente pelos Estados Unidos em sua luta, sufocar a expansão do comunismo na América Latina e no mundo.

A lógica da Guerra Fria sustentou a manutenção do conflito até a década de 1980 e, durante a de 1990, quando se desgastou, não significou o fim do conflito armado, mas sua nova caracterização. Em 1984, o embaixador norte-americano Lewis Tambs e o ministro da Defesa colombiano, Gustavo Matamoros, cunharam e promoveram o termo “narcoguerrilhas”, com o qual deram um perfil identitário a grupos como as FARC, despolitizando o conflito, ao omitir completamente as bases ideológicas que moviam esses grupos, e enfatizaram suas estratégias de manutenção econômica, especificamente o tráfico de drogas. A expansão do narcotráfico na Colômbia e nos países fronteiriços, liderada pelos cartéis de Medellín durante os anos 1980, motivou estratégias políticas mais agressivas contra o crime organizado e, portanto, contra as guerrilhas, dando lugar à implementação do Plano Colômbia, investimento norte-americano no campo político-militar, com o objetivo de acabar com o narcotráfico. Uma nova nuance é adicionada a essa estratégia antidrogas após o ataque ao World Trade Center em Nova York em 11 de setembro de 2001, a luta antiterrorista.

O Plano Colômbia semeou um clima de desconfiança, por parte dos grupos guerrilheiros, em relação ao governo, inviabilizando o

sucesso da primeira tentativa de acordo de paz, liderada pelo então presidente Andrés Pastrana (1998-2002). Com a paz completamente desacreditada, Álvaro Uribe Velez vence as eleições de 2002 defendendo como suas principais propostas: Segurança Democrática, ou guerra contra o terrorismo entendido na Colômbia como as guerrilhas, e a implementação do Plano de Desenvolvimento, que tinha um caráter neoliberal. Durante seu período presidencial, conseguiu que fosse aprovada uma reforma constitucional que permitisse a reeleição de um presidente. Dessa maneira, ele pôde concorrer novamente à presidência e venceu as eleições de 2006. Os seus dois mandatos caracterizaram-se pelo agravamento da guerra, o aumento das ações militares, a promoção de grupos paramilitares e o início do fenômeno conhecido como “falsos positivos” (2002-2008).

No período eleitoral de 2010, diante da impossibilidade de uma terceira reeleição, Uribe dá o aval para seu ex-ministro da defesa, Juan Manuel Santos, que ocupara o cargo entre 2006 e 2009. O candidato de Uribe venceu as eleições, tomando posse em 7 de agosto de 2010. Durante seu mandato, Santos rompeu com o uribismo em 2012 quando as FARC decidiram negociar a paz com o governo e Santos aceitou, passando a ser considerado o “traidor” do uribismo. A partir desse momento, Uribe e seu partido iniciam uma campanha para desprestigiar e acabar com o processo de paz. No mesmo ano, começaram as negociações do processo de paz, em Havana, Cuba. No final do período presidencial de Santos em 2014, e com as negociações do acordo de paz inacabadas, uma feroz batalha ocorre nas eleições entre “o candidato da paz” – Santos, e o novo “candidato de Uribe” – Óscar Iván Zuluaga. A Colômbia demonstra sua vontade de acabar com o conflito reelegendo Santos como presidente. Concluídas as negociações em 2016, com a votação do plebiscito pela Paz, processo que foi continuamente minado pelo uribismo, o NÃO finalmente vence nas votações. O processo de paz foi aprovado por mandato constitucional nesse mesmo ano, permitindo aos integrantes das FARC serem participantes da política estatal colombiana.

As eleições de 2018 foram, mais uma vez, um espaço de disputa do uribismo e, para atrair novamente a Colômbia para essa corrente, seu candidato Iván Duque caracterizou-se como uma figura jovem, alguém que não tinha um passado político manchado e que possuía um traço fundamental, não trairia o uribismo. Na disputa eleitoral também se encontrava Sergio Fajardo, o candidato de centro, professor e “neutro”, ex-prefeito de Medellín; e, finalmente, o candidato de esquerda, Gustavo Petro, conhecido, acima de tudo, por ser ex-prefeito de Bogotá e ex-integrante da guerrilha M-19. Esses três candidatos foram os favoritos do primeiro turno, e Duque e Petro disputaram o segundo. Duque se tornou o novo presidente da Colômbia e tomou posse em agosto de 2018.

Durante o período presidencial de Duque, veio a pandemia de Covid-19. A má gestão presidencial da situação, como demora na compra de vacinas e aquisição de poucas doses, subsídios a empresas e não para pessoas de baixa renda, abandono estatal de setores como saúde e educação, xenofobia aos imigrantes venezuelanos, altíssimas taxas de desemprego e a economia estagnada, deixou os colombianos muito insatisfeitos. A situação culminou na manifestação de protesto social conhecida como Greve Nacional de 2021, que durou dois meses, quando o ministro da Fazenda Alberto Carrasquilla promoveu uma reforma tributária que caiu fortemente sobre a classe média e baixa, deixando intacta a elite nacional, empresas nacionais e multinacionais.

1. Consumo de informação

Em geral, os jovens consomem grandes quantidades de informação o tempo todo por suas redes sociais, que se tornam lugares de socialização, aprendizagem, entretenimento, discussão e lazer. Os temas específicos que eles veem variam muito de pessoa para pessoa, mas a constante entre todos os jovens é que eles seguem tópicos que dependem de seus gostos e motivações pessoais. O tema principal consumido e compartilhado por todos os jovens nas redes sociais são os *memes*, os *conteúdos engraçados* e as *notícias*. Os memes para os jovens têm uma dupla conotação: por um lado, a política, com base em uma sátira ou crítica sobre o assunto (quase sempre político) a que se refere, e muitos descobrem a política atual através deles; por outro, a conotação banal que,

por ser muito simplificada, tira a profundidade do que estão falando.

Em outros tópicos que consomem há uma clara diferença de gênero. Enquanto temas como *esporte*, *futebol*, *música* e *os videogames* são altamente consumidos pela população masculina, o tema predileto da população feminina é *a maquiagem*. As jovens de todas as tendências, direita, esquerda e as que não têm preferência partidária relacionaram a maquiagem e as roupas a uma questão política como o feminismo, o empoderamento feminino em geral e o amor-próprio. Já os jovens de tendências de esquerda e os que não têm preferência por alguma relacionam o RAP à crítica social e política.

As redes sociais mais utilizadas são: Facebook, Instagram, Youtube, Whatsapp, Twitter e TikTok. A rede social considerada mais séria para saber sobre notícias e política é o Twitter, há uma sensação de que é imediato, qualquer polêmica que ocorra ele será o primeiro lugar a mostrar, não censura como em outras redes sociais, as pessoas e políticos publicam lá sem filtro, “é uma mesa aberta ao debate”. Mas, por sua vez, ser tão polêmico, cria uma rejeição em alguns jovens.

“Então para o mim, o Twitter é para saber o que aconteceu com um político ou sobre uma polêmica importante; ali, é o primeiro lugar onde se sabe sobre as coisas, as pessoas importantes usam o Twitter [...]”

(Homem, preferência política por Petro, Cartagena).

O Facebook tende a ter um aspecto informativo, no qual entram para procurar e compartilhar notícias, para “me informar e informar os outros”, tem uma carinha social e divertida para “interagir, reagir e comentar com amigos”. Acredita-se que é a rede social preferida dos adultos, e surgem comentários, como “para os mais velhos”, “para as mães”, o que gera um pouco de rejeição. Também demonstra a diferença geracional que há por parte dos jovens no uso de tecnologias e apropriação de novas redes sociais com muito mais facilidade. E, por último, percebe-se que nessa rede se limita a liberdade de expressão porque censuram comentários e publicações, sobretudo aqueles relacionados à política.

“Imagina que agora mesmo você quisesse informar algo, eles podem publicar algo, podem

censurá-lo, no Facebook. Publique algo do governo no Facebook e veja o que acontece com você. Eles removem as contas dos usuários que vão contra,”

(Homem, preferência política por Petro, Cali).

O Youtube é usado para ouvir música, assistir a documentários de temas como ciência, filosofia, eventos paranormais, entre outros. Mas o principal uso que os jovens colombianos fazem dele é assistir youtubers falando sobre política e notícias atuais do país em formato de comédia, “você ri enquanto se informa”. Os mais comentados são: “La Pulla”, Juanpis Gonzales, “Me dicen Wally” e Daniel Samper. O que demonstra que há interesse por parte dos jovens pela política ou situação atual do país, mas não está restrita às suas formas mais tradicionais.

amigos é mais para conversar, enviar coisas engraçadas e combinar as saídas. O grupo familiar é usado para se manter informado sobre os familiares, e é nele que mais se proliferam as fake news.

“No grupo da minha família materna nos falamos todos os dias, compartilhando memes ou saudando quando alguém faz aniversário, ou ainda, de repente, se está acontecendo algo como na situação da greve; então colocam essas notícias de como está a situação em Bogotá no dia a dia, mas muitas vezes chegavam notícias falsas, então quando chegava qualquer coisa, eu sempre olhava e via que era mentira, lhes dizia que não, lhes dizia isso foi há cinco anos, três anos, isso é mentira.”

(Mulher, preferência política por Petro, Villavicencio)

Novamente jovens das três tendências afirmam que, apesar de ser o meio televisivo que mais gera desconfiança, confiam mais nos pequenos noticiários, como City Tv, Canal Uno, Telepacífico e Red+ notícias.

Instagram e TikTok estão mais associados ao entretenimento. Instagram é o lugar para ver estilos de vida, compartilhar fotos pessoais ou saber rapidamente sobre uma notícia. No TikTok veem vídeos de qualquer tema “o que sai”, “é tão versátil, você descobre de tudo”, principalmente *trends* de danças ou ouvem áudios, que são replicados como forma de se divertir. Há aqueles que afirmam que essa rede social é mais superficial porque não deixa nada significativo.

“Pois eu gosto de dançar e assistir vídeos no TikTok.”

(Mulher, preferência política por Duque, Valledupar).

O WhatsApp é usado mais do que qualquer coisa “de forma pessoal” para entrar em contato com outra pessoa, não é necessariamente individual, pode ser também em grupo. Os grupos mais comuns são os da família e dos amigos, mas em geral formam-se também grupos dos ambientes frequentados (universidade, trabalho etc.). O grupo de

Em relação ao tema de consumo de informação proveniente de campanhas, os jovens não se sentem identificados em sua maioria, mas uns poucos se identificam com produtos, empresas privadas ou temas como o cuidado do meio ambiente e o cuidado pessoal.

“[...] de Green, uma campanha de maquiagem à base de ingredientes naturais, que não afeta o ambiente e que não afeta os animais por crueldade contra eles, essa campanha agrada muito.”

(Mulher, sem preferência partidária, Bogotá).

Uma das bases das redes sociais é o conteúdo, tanto a sua criação como o seu consumo, e o jovem, principalmente, consome muito mais o que é criado, embora em geral todos eles criem “conteúdo pessoal” para suas próprias redes: fotos, vídeos e stories. Mas há jovens que vão mais além: 1) os artistas criam e publicam seu próprio conteúdo artístico para se tornarem conhecidos; 2) os empreendedores, que têm como objetivo

alcançar as vendas de seus produtos; e 3) os criadores de memes, que querem divertir o público. O imenso trabalho envolvido e sem remuneração econômica até não ser muito conhecido faz com que muitos desistam.

Em geral, para que um conteúdo seja apreciado deve ser novo ou diferente, engraçado ou de caráter de superação de algum problema (por exemplo, sair da pobreza), seja de um amigo ou conhecido, que proporcione aprendizagem, que esteja associado aos gostos individuais. Os que são desaprovados têm conteúdos falsos cruéis, polêmicos, de maus-tratos aos animais e maus-tratos aos idosos, discussões sem sentido real, só buscam ofender, *influencers* que criticam o país mas não agem para melhorá-lo. Também a respeito de desaprovação de conteúdo surgiram comentários machistas “mulheres que não valorizam seu corpo, que se mostram” e LGBTQ+ fobias.

“Me enoja quando publicam que apoiam as pessoas, ou seja, quando apoiam não é que sejam contra ou a favor, ou seja, quando estão protestando, todas essas coisas para apoiar os movimentos LGTBI.”

(Homem, sem preferência partidária, Villavicencio).

Principalmente quando os jovens compartilham conteúdo, eles não sentem que fazem parte de um grupo, mas sim que são promovidos por seus próprios interesses ou gostos.

2. Influenciadores (*Influencers*)

Personalidades famosas nas redes sociais conhecidas como *influencers* (influenciadores), são caracterizadas pela criação constante de conteúdo para suas plataformas em redes sociais. Contribuem para uma parte importante da informação consumida pelos jovens na internet. O que leva um jovem a seguir um *influencer* é a identificação com o tema principal do conteúdo criado, como maquiagem, esportes, entretenimento etc. Os jovens colombianos também reconhecem que, além do gosto, se cria um vínculo com esse personagem. Essa conexão é fortalecida por meio de características como sua personalidade, autenticidade, transparência e projeções de um estilo de vida desejado. Muitas vezes, essa relação se torna um lugar de aprendizagem com base na experiência que tem um *influencer* sobre o tema.

“Eu acredito que ela seja tão transparente quanto a gente, a verdade é que temos uma personalidade que, quando chegamos não tem a ver com quem somos, quem somos de qualquer forma, sem obviamente atropelar ninguém; então ela é muito transparente e é muito autêntica, muito dinâmica, e é disso que eu gosto nela, ela parece muito legal, assim como a Aida. Ao mesmo tempo, são mulheres estudadas que têm uma expressão ao falar muito legal. Eu sigo mil pessoas e estou tentando lembrar. Mais do que tudo, é esse tipo de conteúdo de treinamento, cabelo, nutrição, roupas, estilo de vida, isso é o mais comum em minhas redes sociais.”

(Mulher, sem preferência partidária, Santa Marta).

Em geral, independentemente da preferência político-partidária dos jovens, há uma boa acolhida daqueles influenciadores que são reconhecidos por temáticas não políticas – cantores, atores, comediantes, entre outros – os quais utilizam suas plataformas para falar de temas políticos, como a Greve Nacional de 2021 ou o feminismo. A sensação é de que essa temática terá importância pelo imenso alcance de público que esses personagens têm.

“Ultimamente, tenho visto muito a Aida Victoria Merlano, mas ela faz upload de vídeos fazendo críticas sociais, quando jogam hate em uma mulher por sua liberdade sexual, os protótipos da sociedade, mas aquela mulher fala muito bem, é feminista.”

(Mulher, sem preferência partidária, Santa Marta).

“Pois eu sigo várias pessoas, Adriana Lúcia, acho que o nome dele é Alejandro Riaño, Residente, Santiago Alarcón e Julián Arango que são do pequeno grupo que estive presente na greve. Pelo que entendi, todos eles foram ameaçados porque levam suas vozes e como são levados em consideração por serem famosos, então é mais fácil ouvir a voz deles, sobre o que eles pensaram. E eu sinto que eles transmitem ideias muito bem e têm sido feitos debates, eles também compartilham com o povo, então é por isso que eu gosto deles.”

(Mulher, preferência política por Petro, Villavicencio).

Os políticos são considerados influenciadores pelo seu trabalho, são líderes de opinião, geradores de tendências e polêmicas, eles têm maior rejeição quando falam das mesmas temáticas políticas que aqueles influenciadores mencionados anteriormente

“Sim, eu parei de seguir o Petro. Por quê? Não sei, acho este tipo muito controverso. Não sei, sinto isso com essa temática dos protestos (Greve Nacional), me parece que foi uma pessoa que, enquanto mandava os jovens ou os outros marcharem e matarem uns aos outros, ou alguma outra coisa que acabava mal para eles, ou não apareciam, ele estava em sua casa desavisado, não fazendo nada além de estar Twitter. Porque isso sim, tem aquele homem que é alguém muito influente no meio das pessoas. E o que ele disser, lamentavelmente as pessoas vão querer fazer, sabe?”

(Homem, preferência política por Duque, Barranquilla).

Os influenciadores com maior acolhimento pelos jovens, independentemente de sua tendência política, são aqueles cuja especialidade é dar informações e notícias sobre política, utilizando um formato engraçado, leve, ou explicativo (mencionado na seção consumo de informação no YouTube). Ou seja, um formato pensado para atrair o jovem.

Deixar de seguir um influenciador é uma declaração de que você não concorda com o que ele está fazendo, e perder seguidores para o influenciador significa perda monetária. As razões pelas quais se deixa de seguir um influenciador são diversas: por causar polêmicas desnecessárias, por mudarem a forma e o estilo de conteúdo quando se tornam muito famosos, por seu conteúdo perder qualidade ou porque suas ações vão contra os valores e ética de um seguidor.

“Quando consome algo, indiretamente como se aprende com quem está consumindo, o que estou apoiando, porque ele ganha por visualizações; então, se ele bate, se ele faz coisas que estão erradas, por que eu tenho que dar visualizações a alguém que é uma pessoa desagradável?”

(Homem, preferência política por Petro, Cartagena).

3. Outros meios de comunicação

Meios de comunicação como o rádio, a televisão, o jornal continuam sendo utilizados, mas em menor grau do que a internet; eles estão mais do que presentes em sua vida, graças mais a seus familiares do que por iniciativa própria. A TV está mais presente na vida dos jovens pelos familiares mais velhos que a ligam quando assistem ao noticiário, e colateralmente se informam por esse meio. Há novamente preferências de gênero, as jovens veem novelas e os jovens assistem a jogos de futebol ou esportes, e canais de documentários como Natgeo e History.

“Televisão, não. Ou seja, eu só assisto à televisão quando na minha casa eles assistem, ou seja, eu sento na sala e vejo o que tem, mas eu não tomo a iniciativa e digo que vou colocar Caracol, vou colocar RCN ou sei lá, não faço.”

(Homem, preferência política por Petro, Cartagena).

O rádio é quase que exclusivamente relacionado a viagens de carro e predominantemente não é por iniciativa própria, mas de seus familiares, especialmente pais ou avós. Eles colocam mais do que tudo em estações de música e discussão política em momentos de movimento como de manhã ou à noite. Esse meio é utilizado principalmente para obter informações sobre as regiões, para saber o que está acontecendo localmente, porque a mídia nacional tende a falar das grandes cidades e se esquece do resto.

“Bem, eu aqui, vejo pouca televisão também, rádio de vez em quando, como de manhã. Isso mais do que tudo para me informar sobre a localidade, mais do que tudo. Eles falam sobre a situação de Barranquilla ou dos arredores, coisas daqui mais do que tudo, da costa.”

(Homem, preferência política por Duque, Barranquilla).

Os jornais são os meios de comunicação tradicionais que menos fazem parte da vida dos jovens. Dos poucos jornais que ainda chegam às casas, alguns são de caráter local ou regional. Novamente, surge essa lógica de suprir a informação dos locais esquecidos pelos grandes meios de comunicação.

“Minha mãe assina o El Día, o único jornal que se lê aqui.”

(Mulher, preferência política por Duque, Valledupar).

4. Política e informação

Em sua esmagadora maioria, os jovens preferem procurar as notícias e saber das novidades pela internet, em vez de outros meios de comunicação. Jovens das três tendências – direita, esquerda e sem preferência político-partidária – afirmam que os noticiários, em especial o RCN e o Caracol, manipulam e ocultam informações, tornando seus meios de informação menos confiáveis; além disso, eles têm um horário determinado, demoram para obter informações, são apenas uma fonte de notícias e têm um dono com interesse visível. Enquanto a internet é exatamente o oposto, existem variedades imensuráveis de fontes, as informações são imediatas e não há limitação de tempo ou conteúdo.

Novamente jovens das três tendências afirmam que, apesar de ser o meio televisivo que mais gera desconfiança, confiam mais nos pequenos noticiários, como City Tv, Canal Uno, Telepacífico e Red+ notícias. Por outro lado, os jovens de direita e de esquerda acreditam muito mais nas mídias internacionais do que nos nacionais, no que diz respeito às questões políticas do país, e sentem que elas têm um olhar mais neutro e menos politizado como tendem a ser as mídias nacionais.

“Neste momento não saberia explicar, mas é que, às vezes, um tema que no país está entrando em muita polêmica, eles informam o que lhes convém, há partes que são importantes enfatizar, mas outras não enfatizam, não sei se estou sendo claro. Não sei coisas como os Tweets dizem que tal pessoa publica isso e a outra responde ou coisas assim. Pode ser que tenha alguma importância, mas não vão direto ao ponto, enfrentar uns aos outros já é muito comum, mas não vão ao problema [...]. Qual é o problema então, digamos, se Juan Manuel Santos e Uribe brigaram, não é uma notícia que se discute, deixam de lado o problema importante.”

(Mulher, preferência política por Petro, Villavicencio).

As grandes empresas jornalísticas nacionais e internacionais continuam sendo uma grande referência, principalmente para os jovens de tendências de esquerda e direita, mas em seu formato digital. Entre os portais mais mencionados estão: El Espectador, BBC, El País, CNN e DW. Esses mesmos jovens, quando procuram uma notícia ou “googlam”, recorrem a páginas de mídia conhecidas, ao mesmo tempo que seguem essas mídias

em suas redes sociais. Enquanto, em sua grande maioria, jovens que não se identificam com uma das principais tendências, quando “googlam”, não procuram boas referências e entram em qualquer página. Por sua vez, é uma tendência receber passivamente a notícia: “o que eu recebo no Facebook” “o que o celular me sugere”, demonstrando desinteresse.

“No meu caso, como já disse, não gosto muito de me envolver em questões de política. Agora, por exemplo, no início do Facebook, eu leio um pouco sobre o assunto, mas só lá e não me aprofundo mais sobre o que está acontecendo.”

(Homem, sem preferência partidária, Villavicencio).

Graças às redes sociais, os meios de comunicação alternativos estão se tornando mais comuns no feed dos jovens. Eles tiveram grande relevância na Greve Nacional, e foi conferida credibilidade entre os meios tradicionais colombianos, Última hora col, Alerta colombia, Primera línea e La silla vacía foram alguns dos mencionados. No que diz respeito às notícias internacionais ou da América Latina, houve uma resposta comum às três tendências: só sabem da notícia internacional que é tendência.

Quanto ao fato de seguir políticos e/ou partidos, observam-se, nas redes sociais dos jovens, três grandes grupos: 1) os que não seguem ninguém por desinteresse ou por considerarem que “todos são igualmente maus”; 2) os que só seguem as pessoas com suas afinidades políticas ou da mesma localidade; e 3) aqueles que seguem os representantes de cada tendência local para se manterem atentos. Quanto à questão das pessoas que nunca seguiriam ninguém, existem novamente três grupos: a) aqueles que não seguiriam Petro; b) os que não seguiriam Uribe; e c) aqueles que não parariam para seguir ninguém.

Quanto aos jovens de direita, todos se encapsulam no grupo dois, todos seguem representantes do uribismo, além do partido Centro Democrático e seus respectivos prefeitos locais e nenhum segue políticos de outras tendências. Ou seja, um grupo muito fechado à sua ideologia política. Além disso, eles nunca seguirão Petro como aqueles do (grupo a), por razões de ele ser ou muito polêmico ou por suas ideias de governos como o da Venezuela ou de Cuba.

“Assim da política, sigo o prefeito de Medellín e também o presidente e só.”

(Homem, preferência política por Duque, Medellín).

Os jovens de esquerda são, em sua maioria, pertencentes ao grupo três, seguem uma ampla gama de políticos em suas redes sociais para se manterem informados, incluindo os uribistas e seus respectivos prefeitos. Em menor grau, há aqueles que seguem apenas Petro (grupo 2) ou os que acreditam que todos os políticos são ruins (grupo 1). O que unifica os jovens mais de esquerda é que aqueles que fazem parte do grupo 3, apesar de seguirem o uribismo em suas redes sociais, nunca poderiam se identificar com eles, por razões como a dos “falsos positivos” ou porque as pessoas que o seguem o idolatram como um Deus.

passaram a seguir seus prefeitos porque viram que afetava sua vida pessoal em alguns casos como, por exemplo, saber sobre a possibilidade de ir à escola.

Saindo um pouco da política institucional e partidária, buscou-se entender qual era a visão dos jovens em relação a outros tipos de atores políticos, como no caso dos movimentos sociais. Para muitos dos jovens colombianos, a existência de movimentos sociais é desconhecida. Há outros que têm uma ligeira familiaridade com eles por meio das notícias que os cobrem quase exclusivamente quando há protestos nas grandes cidades, reduzindo o entendimento do movimento. Desse ponto de vista, os jovens identificam movimentos como: o feminista, o camponês, a minga indígena,

Nos casos dos jovens que sentem afinidade com movimentos, não se afirmam como parte deles por terem a concepção de que são movimentos radicais.

“Nas redes sociais, eu sigo vários políticos, inclusive o presidente, e não porque concordo com ele, mas porque me interessa saber o que está pensando do país no dia a dia; então, o que publica e como vê a situação e que é o que está pensando, mas ainda sigo Petro e Fajardo, a prefeita Claudia Lopez e o prefeito Felipe Harman, mas é mais do que tudo para me informar.”

(Mulher, preferência política por Petro, Villavicencio).

O grupo dos que não têm preferência partidária não é homogêneo e não foram vistos fatores que os unifiquem em maior escala como no caso dos jovens de direita ou esquerda. Há aqueles que estão no grupo três, e eles não seguem, não parariam para seguir nenhum político (grupo c). Aqueles que acreditam que todos os políticos são maus (grupo 1) e não seguirão o uribismo (grupo b), seguem apenas prefeitos (Grupo 1), mas não seguirão Petro (grupo a).

Uma tendência que ocorreu foi que a pandemia de Covid-19 despertou o interesse pela política local nesses jovens desinteressados, eles

o LGBTQ, o afro-colombiano, o movimento urbano e o movimento pela paz. E neles há símbolos que são repudiados e, por isso, geram distanciamento e acabam com o interesse de participação dos jovens, como os corpos nus nos protestos feministas. Ou, pelo contrário, existem símbolos que geram uma atração levam parte da juventude a se identificar com eles, especificamente as expressões folclóricas e artísticas do movimento afro-colombiano.

“Pois, eu creio que o movimento dos camponeses, porque eles sabem de política, sabem dos camponeses, por isso há tantos desalojados por assim dizer, porque os tiram de suas terras ou por exemplo a minga indígena e tudo isso basicamente. Não, o que se vê pela internet, da minga indígena, do movimento feminista, dos protestos. Sim, às vezes, quando estou entediada fico vendo nas redes sociais as explicações, fico olhando tal perfil, fico olhando as publicações.”

(Mulher, sem preferência partidária, Bogotá).

Nos casos dos jovens que sentem afinidade com movimentos, não se afirmam como parte

deles por terem a concepção de que são movimentos radicais.

“Como o feminismo. Quanto ao feminismo, mas não o feminismo radical, que já faz algum tempo que está muito forte, não me identifico com isso, mas sim com o feminismo que, para mim, mostra um ponto de vista lógico.”

(Mulher, sem preferência partidária, Santa Marta)

Pelo contrário, integrantes dos movimentos sociais como o afro-colombiano criam vínculos de identificação com outros movimentos como o movimento indígena, pelas vivências históricas e mesmas motivações de luta. Por fim, os jovens que não se identificam com nenhum movimento social dizem que é por falta de vivências que os vinculem a esses movimentos. Em função do exposto, conclui-se que os movimentos sociais não são tão relevantes e presentes para os jovens colombianos, eles são vistos mais como ‘identificações’, mas não como uma força política que possa mudar a Colômbia.

5. Desconfiança e notícias falsas

Um debate que sempre envolve as redes sociais é a veracidade da informação que flui nelas. A desconfiança nasce em um mundo digital, mas se expande aos meios de comunicação tradicionais, como rádio, televisão e jornais. Com isso, vemos que os jovens colombianos atribuíram um segundo significado às fake news. As notícias manipuladas, de caráter omissivo a favor de alguém que saem nos meios de comunicação tradicionais, em especial nos noticiários, também são consideradas fake news.

“Eu acho que por toda parte, no que diz respeito à televisão e no que diz respeito às redes sociais, publicam notícias falsas, assim como nos grupos do WhatsApp enviam muitas notícias falsas como dizia meu colega.”

(Homem, sem preferência partidária, Villavicencio).

Existe um altíssimo nível de desconfiança por parte dos jovens colombianos quanto ao uso que as pessoas fazem das redes sociais para falar de política. Em sua maioria, eles pensam que todas as posições políticas publicadas nas redes se baseiam em suposições, falta de pesquisas sobre o tema, informação distorcida e falta de formação. Coisas que acabam em um falso debate ou polêmica porque, em vez

de debater ideias, no fim o que acontece é ou a imposição de uma ideologia, uma vez que muitos se fecham em sua tendência política sem se disporem a alguma mudança, ou os ataques sem qualquer propósito argumentativo. São poucos os jovens que relativizam e individualizam o bom ou mau uso que fazem das redes, o nível de conhecimento político e a capacidade informativa e investigativa que cada um possui. Levando isso em consideração, a reação mais comum é evitar publicar sobre política para não ser atacado ou entrar em discussões sem sentido. Os poucos que, ainda assim, continuam publicando escolhem responder àqueles que propõem um debate sério.

Os jovens têm seus próprios critérios de detecção ou descarte de notícias. Por senso comum,, procuram encontrar o tema na internet e o comparam com outros meios de comunicação, olham para a forma como é redigido, verificam se faltam informações na notícia, ou seja, “se parece incompleta”, observam os comentários da publicação entre os quais, geralmente, alguém avisa se é falso e, finalmente, se possível perguntam a uma testemunha do fato.

“Ausência de um autor, a forma como está escrita, a clandestinidade da informação, porque se é informação de alto calibre, e se essa informação não é corroborada pelos meios de comunicação é uma informação que não tem validade. Se a informação é importante, esses meios devem divulgá-la, se essa informação que chega em uma cadeia não é respaldada por um meio de comunicação, como alguém ainda pensa que está bem escrita?”

(Homem, preferência política por Petro, Cartagena).

Os jovens colombianos debatem se as fake news têm um autor com um propósito do qual se beneficia, usado como estratégia política em momentos críticos como eleições ou a Greve Nacional, a fim de interferir e causar medo e mudança de comportamento. Alguns consideram uma noção mais branda de que elas são criadas por gente com tempo livre, mas que têm um impacto negativo na sociedade.

“Enquanto jogam com as vidas dos próprios colombianos e fazem coisas querendo jogar com as pessoas. Pode-se dizer que eles

manipulam muito com esse tipo de coisa, como o BPS (Banco de Previsão Social), a ajuda ao idoso; com esse tipo de ajuda pode ser dito aos cidadãos que eles têm certo controle, então o governo manipula muito a informação, por exemplo com os idosos. “Se tal candidato vencer, retirarão o BPS”, o idoso praticamente vota em quem faz essa afirmação, por desconhecimento, pode-se dizer que não conhecem a nova política.”

(Homem, preferência política por Petro, Cali).

6. Participação

Os jovens colombianos atribuem uma importância enorme ao voto no que diz respeito ao futuro do país em relação ao bem-estar. Eles o entendem como uma oportunidade de mudança, de renovação de políticas e suas propostas, como uma das máximas ações políticas que um cidadão pode fazer – “fazer conhecer a vontade do povo” –, estigmatizando outras formas de expressão do povo como os protestos. Em suma, a concepção de democracia da maior parte dos jovens colombianos está ligada ao voto e ao sistema partidário.

“A democracia é esse privilégio de poder eleger um representante, depois, essa liberdade de escolher o que melhor beneficia alguém.”

(Homem, preferência política por Duque, Medellín).

A única causa política fora da política institucional ou partidária foi a Greve Nacional de 2021. O medo de serem mortos pelo Estado foi um fator latente, pois isso fez com que jovens que apoiaram a Greve não saíssem de suas casas e aqueles que estavam nas ruas deixassem de participar. Era comum o apoio a Greve, mas o vandalismo que vinha junto era reprovado.

“Eu e a minha mulher vivemos na parte de cima [da casa] e sentíamos medo quando a polícia e o ESMAD [Escuadrón Móvil Antidisturbios] passavam, sentíamos medo porque passavam milhares, e se fiz parte foi porque eu, minha mulher e meu menino fomos marcar presença lá, para assobiar, com o fato de estarmos presentes. Depois não, é preciso cuidar da vida...”

(Homem, preferência política por Petro, Cali).

7. Organizações políticas e representação

A definição dos partidos e/ou candidatos dentro do espectro político ideológico na Colômbia é imprecisa e isso se reflete nos jovens colombianos. A jovem mais radical da pesquisa quanto à sua ideologia, demonstra repetidas vezes ser de extrema direita, mais que afinidade, ela tem admiração por Uribe, e se autodenominou como se vê a seguir.

“Pois eu acho que sim, escolho [sou] a direita, pois acho que sou centro-direita porque tenho um pensamento um pouco mais tradicional no plano político, mas estou ciente de que a maioria de nossas instituições jurídicas atuais são mais de independência do Estado social de direito. Então não se pode ser neutro, tem que ser parte do oficial que sinto que é mais de esquerda, mas isso não me categoriza como centro-esquerda, mas sim de centro-direita.”

(Mulher, preferência política por Duque, Bogotá).

Os jovens de direita não tinham nenhum problema em se autodenominar de tal corrente, chegavam de maneira rápida e concisa a essa questão que, inclusive, se baseava em uma ideia de comparação com a sua visão de esquerda. A perspectiva que eles têm da esquerda se concentra na ligação direta com Cuba e Venezuela, mas é um meio muito real para eles essa possibilidade de um governante de esquerda chegar ao poder porque “vamos acabar como a Venezuela”. Como uma constante, existe uma rejeição da ideia de igualdade (socialismo), e se encontram mais próximos da ideia de meritocracia.

“Eu não seguiria Petro, eu não sei, não gosto das ideologias dele. Esse pensamento dos governantes de Cuba, da Venezuela, onde esse man chegar ao poder, que perigo...”

(Homem, preferência política por Duque, Medellín)

Os jovens de esquerda não se autodenominam como dessa corrente, alguns chegaram a mencionar afinidade com essa tendência ideológica, mas não houve nenhuma afirmação concreta como “eu sou de esquerda”. O que se viu por parte deles, junto com os jovens sem preferência partidária, foi um discurso “nem de direita nem de esquerda”, não necessariamente colocados em relação ao centro mas sim “fora” do espectro ideológico político. As razões apresentadas para isso foram que eles não estão interessados na ideologia política de um

personagem, mas no seu interesse real, sincero e transparente em fazer uma mudança para o povo. Eles não se viam representados por nenhum dos dois lados.

“É por isso que, como te disse, não tem nada a ver se a pessoa é de esquerda ou se é de direita. Então, dessa forma, eu não me veria assim em um partido, eu pensaria que o partido é o de menos, as pessoas que você vai influenciar e o que você vai fazer de todo o coração, porque é preciso colocar seu coração para a vida, não apenas por causa do coração, mas tendo transparência. Se você é de direita, mas tem um país perfeitamente em ordem, bendito seja Deus, ou seja, muito bom. Se você é de esquerda a mesma coisa, se você é do centro também...”

(Homem, preferência política por Petro).

Acredita-se que esse fenômeno da não identificação dos jovens de esquerda se dê por vários fatores: 1) a imprecisão do espectro político ideológico na Colômbia; 2) a estigmatização da esquerda com o fim de vinculá-la às guerrilhas, tornando-a um inimigo, legitimando assim sua morte, como um passo no extermínio do partido da UP (União

povo (não das mesmas famílias ricas que sempre estiveram no poder) e, para essa característica, às vezes especificavam que fosse da localidade e região que representava; alguém entregue ao bem comum e à qualidade de vida do povo colombiano; mais mulheres, assim como afrodescendentes, pertencentes a um povo originário, indígenas, pessoas com deficiência, LGBTQ+, camponeses, pessoas que se preocupem com a causa animal, com os direitos humanos, que tenham interesse em ampliação do acesso a setores como educação e educação superior, saúde, trabalho e esporte. Para os jovens colombianos, o físico não importa porque “não vai governar um povo com a sua cara”, mas sim que represente os interesses e valores dos jovens.

“Que o cargo tenha um líder social.”

(Mulher, sem preferência partidária, Bogotá)

“Sinto que falta consciência de que como mulher também se pode chegar ao poder; se a gente ganhar muito terreno, tem mulheres no Congresso, e graças a Deus tem prefeituras, tem deputados, têm líderes sociais. Me diz, quando uma mulher vai chegar à presidência? Espero que logo, tomara, é por isso que precisamos

[...] a Greve Nacional de 2021, como prova e resposta à má política colombiana que “só vem decaindo”.

Patriótica); 3) a falta de outras figuras políticas fortes além de Petro como representantes da esquerda; 4) uma verdadeira falta de afinidade com as propostas do espectro político atual, convertendo-se no surgimento de um novo posicionamento político dos jovens.

Vários jovens expressaram que se sentirão melhor representados por líderes sociais, se esses chegarem ao âmbito político institucional. Entre as temáticas e características de líder político, pelo qual se sentiriam melhor representados, surgiram as seguintes: transparente, honesto, ético, autêntico, inovador, disposto a pensar na juventude e a ouvi-la. Essas foram as primeiras características que a maioria mencionou. Em menor grau, foram mencionados os seguintes tópicos: que tenha boas relações internacionais; que seja uma pessoa do

dessa mudança. Nestes cinco anos, sempre aconteceram as mesmas coisas, exceto uma coisa, que foi nova... Sim, eu estava lendo uma notícia de uma mulher afrodescendente que se juntou à linha de... não me lembro, algo de liberdade. Acho bom que haja pessoas, mas não apenas que haja uma mulher, que haja um casal, homem e mulher, mas que venham pessoas que batalharam e sofreram [...], não necessariamente tem que ser uma mulher, tem que ser como um grupinho, as pessoas que, sim, sofreram, as etnias, as pessoas que os escutem, olhem que está acontecendo isto, nesta comunidade acontece isto, que não seja só por mim, não somente o que pode acontecer a mim e não aos outros, primeiro eu, segundo eu e terceiro eu e os demais que se fodam. Não deveria ser assim, você tem que ver mais além; então eu diria que seria muito bom que as pessoas representantes

dos afros, as pessoas étnicas, as pessoas que, por exemplo, têm deficiência, quando você ouviu que há pessoas que lutam por pessoas com deficiência...; então precisamos de mais pessoas desde as que sofreram, desde as que viveram, que tenham esse conceito e esses valores que te incutem em casa, como o respeito, que sejam completamente sinceros, que não cheguem ao poder e já enlouqueçam, tenham não sei quanto dinheiro, que tenham pessoas que cuidem de você e não pessoas que acreditam que você anda com Deus, precisam cumprir; eu sinto que é importante a representação de vários grupos, o LGTB, [...], mas, sim, sinto que das mesmas coisas que passamos com tanta força, que outros países lutaram, porque antes havia muito racismo, o machismo também, agora também o feminismo, às vezes, a gente vai longe demais, devemos manter os homens, então sinto que faltam muitas coisas, muitas representações, mas sem irmos ao extremo.”

(Mulher, preferência política por Petro, Villavicencio).

Na esfera institucional há unanimidade entre os jovens, incluindo os crédulos na separação entre o Estado e a Igreja, eles não veem nenhum benefício ou lógica que influencie uma a outra, cada instituição tem que se especializar em assuntos diferentes. No âmbito individual, os jovens crédulos de direita veem com bons olhos que os candidatos tenham os valores propostos pela religião cristã. Esses mesmos jovens mantêm a crença em sua religião, mas desconfiam grandemente da instituição no que diz respeito a ações como abuso sexual de crianças. Eles a veem como uma instituição que administra uma dupla moral. Eles testemunharam essas igrejas indicando candidatos com benefícios para a própria igreja, mas nenhum os realizaria.

8. Confiança em instituições tradicionais

Para este âmbito específico, a Greve Nacional de 2021 volta a ser um ponto de referência no imaginário político dos jovens colombianos para dar explicações sobre sua desconfiança em relação às instituições estatais como o Congresso, o Judiciário, o Exército e a polícia. Não há nenhum jovem colombiano envolvido nesta pesquisa que afirme ter plena

confiança nas instituições mencionadas. Duas tendências se destacam no que se refere à desconfiança em relação às instituições: 1) a dos que desconfiam absolutamente das instituições, da qual a maioria dos jovens faz parte independentemente de suas tendências políticas; e 2) a da desconfiança moderada dos jovens que lhes dá o benefício da dúvida, afirmando que alguns de seus membros zelam pelos interesses e bem-estar das pessoas.

Portanto, em relação ao Congresso e ao poder Judiciário, a maioria dos jovens colombianos tende à desconfiança absoluta em relação às decisões, ações, aos projetos aprovados e às leis sancionadas. Os jovens relacionam seu desempenho duvidoso a uma desconexão daqueles que ocupam os cargos políticos em relação à realidade do povo. Neste sentido, os jovens tendem a individualizar os aspectos estruturais, e a ter uma sensação de que, por parte dos políticos, há uma “desconexão com o povo”, em vez de identificar o caráter neoliberal nos projetos aprovados. Cabe reiterar que o que motivou e sustentou a Greve Nacional de 2021 foi que a visibilidade não era em benefício do povo. Percebe-se que o Congresso é uma instituição corrupta e por mais que aprove projetos e legislações a favor do povo, eles serão mal executados por roubo de dinheiro. Também se encontrou, mas em menor medida, a posição dos que confiam parcialmente que possa haver algum projeto que beneficie os colombianos, mas pelo menos esses jovens afirmam não ter conhecimento dos últimos projetos. A justiça corrupta, uma vez que é ineficiente e desigual, é mais severa para pessoas de baixa renda.

“Criam políticas que não estão próximas da realidade, que não estão próximas do que o povo precisa, então eu, sem dúvida, não seria a favor do que eles fazem.”

(Mulher, sem preferência partidária, Santa Marta).

Os jovens de esquerda sentem total desconfiança em relação ao Exército devido aos “falsos positivos”⁵; além deles, as mulheres dessa tendência somam a essa desconfiança a resultante de violações a grupos vulneráveis como indígenas. Enquanto os jovens indecisos e os de direita mantêm essa ideia de Exército como herói por sua luta contra as guerrilhas

5 “As forças militares da Colômbia abateram pelo menos 6.402 civis entre 2002 e 2008, e os apresentaram como ‘baixas em combate’, informou nesta quinta-feira, a Jurisdição Especial pela Paz (JEP). O número de ‘falsos positivos’, como são conhecidos na Colômbia, é maior do que se havia reconhecido no passado e mostra que nesse período, no qual governou Álvaro Uribe, que rejeita as acusações, ‘foram registrados 78% do total da vitimização histórica’”. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-56119174>

e os acampamentos, e não há menção aos “falsos positivos”. Há um nível de confiança aqui, mas eles tendem mais a relativizar por individualidade. A desconfiança contra a polícia por parte das três tendências é total: é vista como uma instituição corrupta, que não protege o povo quando é necessário; as mulheres, aqui, apontam os casos de estupros cometidos por fardados, e a Greve Nacional agravou essa desconfiança devido ao assassinato de civis.

“Não. Na polícia, o abuso, a criminalidade, eles têm que cuidar do cidadão e fazem o contrário, tem que dar o exemplo e fazem o contrário. Uma polícia que vai ao parque e prende quem fuma maconha, mas eles também fumam. Eles só cuidam das pessoas com dinheiro. Elas lhes dão uma ordem e logo seguem, como a dos ‘falsos positivos’. Então eles nem sequer servem para fazer o necessário.”

(Homem, preferência política por Petro, Cali).

Os jovens colombianos que acreditam na instituição, porque há vários que informaram não acreditar nem nisso, convergem para os organismos internacionais como a ONU, por velarem pelos direitos humanos, e para a OMS a partir da pandemia. O fato de serem internacionais lhes proporciona maior segurança. Não há confiança nas grandes empresas.

9. Política nacional

A profundidade que se tem sobre os acontecimentos políticos nos últimos cinco anos é muito superficial, quase não se fala de fatos e percepções que, geralmente, são negativas. Surgem muitos comentários como “muita corrupção” e “nada de bom”. Por exemplo, a Greve Nacional de 2021, como prova e resposta à má política colombiana que “só vem decaindo”. Algo a destacar é que o plebiscito pela paz foi votado há seis anos e nenhum jovem mencionou esse fato.

“Sim, é a falta de ética e a corrupção que se vê, se não fosse assim o país estaria muito melhor, não digo que estaria super bem, pois o problema vem de muitíssimos anos atrás. Mas, sim, a corrupção...”

(Mulher, sem preferência partidária, Bogotá).

As poucas menções a fatos foram: dois jovens em relação às eleições presidenciais

de 2018, uma jovem de direita que observa que votou em “Duque porque era o candidato anticorrupção” (Mulher, 21 anos, preferência política por Duque). Enquanto o outro jovem, de esquerda, disse que “Petro foi roubado nas eleições” (Homem, 24 anos, preferência política por Petro, Cali). Pequenos comentários surgem em relação à “má gestão de Duque, dá uma sensação de retrocesso” (Homem, sem preferência partidária, Cali). Finalmente, os jovens fazem menção a como o pensamento político vem se diversificando: “Há mais partidos políticos, e os colombianos estão deixando de ser verdadeiramente de direita”. (Homem, preferência política por Duque, Barranquilla).

É fato que os protestos da Greve Nacional de 2021 melhoraram a democracia do país porque o povo foi levado em consideração. Alguns poucos jovens são céticos a quão real é essa consideração, já que outras ações “secretas” continuarão a ser tomadas contra o povo. Graças à Greve muitos jovens começaram a ter interesse pelas problemáticas do país, o que gera uma grande expectativa com relação às eleições de 2022 como uma possibilidade real de mudança.

“Penso que sim, porque de certa forma, com esses protestos, o presidente pôde ouvir as opiniões do povo, e é disso que se trata a democracia. Então, eu pensaria que os protestos serviram de algum jeito ou de outro, não para derrubá-la, pois não a derrubaram, mas também não foi retirada, por assim dizer, estão com ela em mente; por isso, a qualquer momento podem fazer a reforma que fizeram, vão melhorar, mas vão refazer. Então, os protestos, sim, serviram porque o povo foi ouvido, nós sentimos.”

(Homem, sem preferência partidária, Villavicencio).

Quanto ao plebiscito pela paz de 2016, os jovens entrevistados que dele se lembram, afirmam de maneira unânime que, sim, houve muita presença de fake news durante esse período. Mas eles não se lembram do assunto de tais notícias. Tanto é o esquecimento que só uma jovem de direita pôde responder sobre o seu conteúdo: a utilização das pensões como forma de subsidiar o processo de paz, o governo ia perdoar todos os crimes sem qualquer reparação, ou seja, haveria “impunidade”, e que os postos concedidos no Congresso para as Farc eram para sempre.

“Demais, porque tenho pensão de sobrevivência porque minha mãe morreu quando eu era pequena e eu tive que ir para Colpensiones, porque tive que fazer atualizações e a maioria dos aposentados disseram não ao plebiscito porque o acordo de paz iria sair das pensões, e eram mentiras; se me entendem, acho que a notícia falsa prejudicou muito o plebiscito. Que conteúdo tinham essas fake news? A maior lembrança é a dos pensionistas pelo que te falei, ou seja, lembro que os velinhos iam retirar o dinheiro do banco e diziam isso da nossa pensão que ia sair para isso e não sei o quê, as fake news não entendiam como os acordos de paz iam mudar todo o mundo, daí a impunidade e não sei... ninguém vai te dar nada sem que te deem algo em troca. Há muitas outras, como a dos lugares parlamentares que iam ser indefinidos, mas na verdade só vão durar três períodos, então eles têm que lutar pelos votos e as pessoas dizem que o Congresso e blablablá e não sei o quê, pois realmente não é assim.”

[Mulher, preferência política por Duque, Bogotá].

Quase há um consenso na política, pois afeta diretamente a vida dos jovens colombianos, uma vez que um bom futuro do país, respectivamente, significa um bom futuro pessoal. Como se tende a não investir em setores como saúde, educação, habitação e há poucas ofertas de emprego, eles são conhecidos como a “falta de oportunidades”. A pouca perspectiva de uma mudança real na política colombiana em benefício do povo leva a pensar que o melhor futuro dos jovens só é possível se forem morar em outro país. Embora a Greve Nacional de 2021 tenha dado um ar de esperança para esses jovens, eles acham que isso pode mudar.

“Pois sinceramente, eu vejo um bom futuro para mim, mas para o país não sei. É que, na verdade, eu gostaria de terminar de estudar. E ir fazer uma especialização em outro lugar, como na Espanha ou no Chile e ficar por lá, mas no meu país não, não faria. Vejo que está indo por um bom caminho, mas não sei. É que não sei agora como as coisas estão indo, tudo parece um pouco nublado. Mas pode melhorar pelos jovens, quem sabe...”

[Homem, preferência política por Duque, Barranquilla].

A profundidade que se tem sobre os acontecimentos políticos nos últimos cinco anos é muito superficial, quase não se fala de fatos e percepções que, geralmente, são negativas.



México

Contexto

A fim de abranger os múltiplos posicionamentos políticos, foi feita uma divisão de jovens em três grupos, levando em conta as votações de 2018, de modo a obter um perfil semelhante em termos de ideologia política. Dois desses grupos se enquadraram na escolha do voto entre os candidatos Andrés Manuel López Obrador (candidato do partido Morena – Movimiento de Regeneración Nacional [Movimento de Regeneração Nacional] e Ricardo Anaya Cortés (candidato do PAN – Partido Acción Nacional [Partido Ação Nacional]). O terceiro grupo foi constituído por pessoas que não tinham votado, ou que não tinham uma preferência política por nenhum desses dois candidatos.

A importância da divisão anterior recaiu sobre os ideais políticos que cada candidato representava, e que politicamente poderiam ser entendidos em termos dicotômicos como do partido de “esquerda” e do partido de “direita”. Essa polarização “ideal” deve ser levada em consideração ao longo de toda a análise apresentada, uma vez que, embora as propostas desses candidatos possam corresponder às categorias acima mencionadas, não se enquadram cem por cento em nenhuma delas.

Para compreender a complexidade que implica o entendimento de como operam os partidos políticos no México, é preciso considerar o problema de encaixar de forma literal essas categorias conceituais aos candidatos e seus partidos. Assim, é necessário esclarecer que, atualmente, não existe nenhum partido denominado, ou melhor, que se autodenomine, de “esquerda”, já que devido à sua trajetória, os seus interesses e os grupos aos quais se dirigem os programas de governo não coincidem com uma visão purista. Por isso, o partido que mais se aproxima de tentar “resgatar” de alguma forma essa visão política é o Morena, dirigido por Andrés Manuel López Obrador (atual presidente do México).

Além disso, a secularização da Igreja e do Estado como resultado da Guerra de Reforma fez com que os termos “conservadores” e “liberais” fossem atribuídos, respectivamente, aos grupos que conservam valores morais expressos pela Igreja ortodoxa do século

XIX, e às pessoas que, ao contrário, optavam por uma determinação legislativa do Estado mexicano fora de toda moral judaico-cristã e das tradições que ela representa. Com o triunfo dos liberais, o termo “conservador” começou a ser usado como sinônimo de arcaico, religioso, machista, velho, entre outras coisas.

1. Consumo de informação

Para nos aprofundarmos na compreensão do pensamento e da posição dos jovens em relação à política, as informações que consomem devem ser levadas em consideração. Já que os jovens consomem uma grande quantidade de informações por dia, a análise dessa dimensão das entrevistas se dividiu em dois tópicos: (1) informações de lazer e recreação e (2) informações sociopolíticas nacionais e internacionais.

Em relação às informações do primeiro tipo, os meios mais utilizados pelos jovens para consumir informação são as redes sociais como: Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e YouTube.

“No meu feed aparecem notícias. A verdade é que gosto de notícias. Eu vou soar, talvez, muito mais velha, mas eu realmente gosto muito de notícias. Então elas aparecem e isso é algo que eu desejo consumir.”

(Mulher, sem preferência partidária, Puebla)

Os temas abordados em cada uma dessas redes sociais são muito variados, mas há uma constante entre os jovens entrevistados e são todos aqueles do sexo masculino em seus momentos de lazer e recreação que disseram ver partidas de futebol e notícias relacionadas a este esporte. Na população feminina não há um interesse tão marcante como no grupo masculino das entrevistas, porém, há um interesse pelo consumo de tutoriais como forma de recreação em contraste com os homens, cujo interesse está mais voltado para o jornalismo esportivo.

Algo que quase todos os entrevistados compartilham (exceto aqueles que não fazem muito uso das redes sociais) é a distração pela comédia expressa em memes com os quais geram o reconhecimento de seu ambiente refletido em um consumo satírico e rápido.

“90% dos podcasts que eu consumo são de comédia. Que aí mesmo tocam em temas atuais e vão desenvolvendo notícias, mas é muito pouco; então você vê, ou ouve nesse caso e são assuntos em que a notícia é o importante, senão simplesmente as mencionam e lhes dão desenvolvimento.”

(Homem, preferência política pelo Morena, Tabasco)

Outro dado importante é que, para a grande maioria das pessoas entrevistadas que utiliza a internet como uma ferramenta de entretenimento, o conteúdo mais imediato e com o qual se gasta menos tempo mantendo um foco de atenção constante é o que mais se consome e mais chama atenção dos usuários dessas redes. É dessa forma que os vídeos curtos do TikTok têm tido hoje uma grande relevância para a juventude em seus momentos de lazer.

Quanto ao segundo tipo de informações (sociopolíticas nacionais e internacionais), as fontes pelas quais as notícias são acessadas não são apenas as fornecidas pela internet, já que pelo menos três quartos dos entrevistados mencionaram que tanto o rádio quanto a televisão (TV) ajudam a forjar um ponto de vista mais amplo para a compreensão de seu ambiente imediato e nacional, e até mesmo para alguns também de âmbito internacional.

As pessoas que usam esses meios de comunicação (rádio e TV) para se informar mencionaram que comumente não vem deles o interesse em sintonizar um canal específico. No caso da TV, mencionaram que têm contato com seu conteúdo naqueles momentos de interação familiar nos quais, em horários específicos, a programação televisiva reúne os membros da família. Além disso, o rádio é usado mais em momentos de deslocamento, especialmente nos trajetos para o trabalho e/ou a escola.

“Às vezes eu vejo televisão, mas é mais assim quando meu pai liga e fico um pouco com ele ali escutando.”

(Mulher, preferência política pelo PAN, Guanajuato)

As redes sociais mais utilizadas para se informar de temas sociopolíticos pelos jovens são o Facebook e o Twitter, seja por notícias compartilhadas por outras pessoas ou seguindo páginas oficiais e grupos.

2. Influenciadores (*Influencers*)

Um dos temas de interesse da pesquisa concentra-se nas figuras públicas presentes na esfera digital em que acreditam e são tendências dentro do imaginário coletivo de uma população específica, os chamados *influencers*.

“Os influencers são sempre aqueles que te colocam a par de tudo, certo? Ou seja, como são eles que te informam acerca de tudo, através deles se informa sobre um”

(Mulher, preferência política pelo PAN, Cidade do México)

Entre os jovens, existe uma ideia de que os *influencers* têm uma forma mais divertida e satírica de informar seus seguidores, uma forma com a qual eles se sentem mais identificados.

“Eles não tornam isso tão alarmante quanto as notícias [...], eles contam as coisas mais como fofoca do que como notícias.”

(Mulher, sem preferência partidária, Cidade do México)

Embora os entrevistados não tenham dado muitos nomes dessas figuras, porque muitas vezes não os têm bem identificados, é fato que a forma como criam seus conteúdos informativos é mais apreciada, assim como a imagem que transmitem às pessoas.

Entre os jovens, existe uma ideia de que os influencers têm uma forma mais divertida e satírica de informar seus seguidores, uma forma com a qual eles se sentem mais identificados.

“A atitude e presença dos apresentadores é o que chama atenção para ver suas notícias.”

[Mulher, sem preferência partidária, Colima]

O atributo mais marcante desses personagens é o humor e a forma cômica de transmitir suas informações, chegando até a cair no escárnio de figuras públicas de grande importância na política do país.

“Eu gosto de seu sarcasmo que zomba de tudo, por exemplo, tem notícias difíceis, mas ainda assim faz isso brincando, como zombar dos políticos.”

[Mulher, sem preferência partidária, Colima]

Outro ponto que gera confiança nos *influencers* é a ideia de que eles informam sem ter alguém que lhes dê um roteiro previamente estruturado com o que precisa ser peneirado. Essa noção de livre informação, tendo como distribuidor as redes sociais e como bandeira a sátira política, torna-se, portanto, a alternativa de muitos jovens aos noticiários dos canais de TV aberta nacionais, tendo também a vantagem da rapidez com que se comunicam as notícias logo que acontecem.

3. Outros meios de comunicação

Os meios de difusão de informação tradicionais, como os jornais e as revistas, que alguns jovens veem para se informar são digitalizados, já que suas famílias não têm o hábito de comprá-los impressos.

Além disso, vale ressaltar que, para os entrevistados, o hábito de conferir as notícias nesses meios oficiais de informação tem um antecedente de obrigação curricular para suas carreiras, razão essa que explica o fato de que os jovens que acessam tais meios são, em sua maioria, estudantes universitários de cursos de graduação.

“Nos pediam que nos informássemos sobre política para podermos participar nas aulas [...], exigiam que fizéssemos pesquisas sobre contextos sociais e políticos.”

[Mulher, preferência política pelo PAN, Jalisco]

Para os jovens, diferentes jornais para comparação de notícias e informações foram solicitados e, entre eles, nenhum se destacou especificamente. No entanto, no que se refere

a notícias ou notas científicas, a preferência foi expressa pela Gazeta da UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México), porque esta universidade é uma das mais reconhecidas nacionalmente em termos de descobertas científicas e promoção da cultura universitária.

Um ponto que merece atenção especial é que os jovens veem a informação científica com dados concretos e uma metodologia específica de informação que aborda as questões sociais; graças a essa distinção há um maior consenso sobre o local de onde a informação é extraída de acordo com o grau de credibilidade e confiança que se tem em relação a algumas notícias ou outras.

4. Política e informação

Da perspectiva da juventude mexicana, a política é totalmente dependente do sistema partidário e da representatividade democrática devido à dificuldade de compreensão de um sem o outro. Em outras palavras, os jovens mexicanos não têm um discernimento claro entre falar de política e falar de partidos políticos. Por isso, a maioria evita falar sobre o assunto com a família e/ou amigos e, até mesmo, compartilhá-lo nas suas redes sociais, pois no imaginário coletivo representaria o apoio ou a rejeição a um partido, ou de uma figura pública específica, o que não é necessariamente o propósito dessas pessoas.

Entendido isto, é assim que movimentos sociais, manifestações, grupos de orientação política apartidária ou antissistêmica, ficam de fora da categoria “política” para os entrevistados (apesar de ser uma dimensão importante que até foi abordada nas entrevistas). Assim, a análise informacional aqui coletada será dividida em (1) política partidária e (2) prática política não institucionalizada (embora, como já foi mencionado, os jovens não considerem essa dimensão como parte da categoria “política”).

Lembrando que a divisão das tríades é sustentada pela preferência política baseada no voto, deixando de lado a sempre presente disputa entre direita (representada pelo PAN) e esquerda (representada pelo Morena) que caracteriza a atual população mexicana, o estudo se concentra em destacar os fatores mais salientes de cada um desses subgrupos de entrevistados.

O primeiro subgrupo refere-se àqueles que têm preferência política pelo Morena; nele, o sentido de credibilidade é fortalecido na “La Mañanera” (os encontros diários do atual presidente com um grupo de jornalistas no qual se faz um balanço social, político e econômico do país). Para eles, o fato de o presidente e sua equipe de trabalho repassarem as informações diretamente para a mídia faz com que as informações sejam menos distorcidas.

O segundo subgrupo é formado por aqueles que votam a favor do PAN, e são eles que normalmente consomem as notícias das emissoras de televisão e de *influencers*.

“Eu não me complico muito e, se eu vejo que alguém compartilha uma notícia, vamos verificar uma página que seja de confiança para ver se é verdade; as páginas dos noticiários estão sempre atualizadas, então, se estão lá, são verdade. Também uso muito os comentários, então entro lá e confirmo.”

(Homem, preferência política pelo PAN, estado do México)

O terceiro grupo, formado por pessoas com imparcialidade partidária ou que anularam seu voto, é mais informado por meio das redes sociais ou meios de informação alternativos como podcasts, canais do YouTube etc.

Agora, passando à análise das informações sobre a política não institucionalizada, os três grupos optam pelas redes sociais como primeiro contato com a política apartidária, por se tratar de um espaço onde todos podem dar a sua opinião sobre temas mais polêmicos como os movimentos sociais e as diversas formas de manifestação e de organização social; nelas, é mais fácil acessar pensamentos que diferem da ordem hegemônica vigente.

Considerando a forma cotidiana com que as redes sociais se fazem presentes na vida dos entrevistados, o principal gatilho que consegue fazer com que a juventude se envolva com as notícias políticas e sociais são os memes e infográficos fornecidos no Facebook e no Instagram, para mencionar apenas algumas fontes.

Esse é um fator interessante, porque é a conjunção de vários elementos que captam o interesse dos jovens e que já foram mencionados ao longo do texto, como: o consumo rápido de informação sintetizada, o humor, a familiaridade com a qual se utilizam

referências do cinema, séries de televisão, *influencers* - em voga tanto nacional como internacionalmente -, linguagem coloquial e muitas vezes beirando o ridículo, que se misturam com algumas notícias de importância política e social. Esse fenômeno iconográfico é o gerador de interesse sobre qualquer tema atual que, posteriormente, remete os jovens aos meios de comunicação oficiais e não oficiais.

5. Desconfiança e notícias falsas

A desconfiança em relação às notas jornalísticas e informações encontradas nas redes sociais é uma constante na vida dos entrevistados. Devido à abundância de fake news na internet, os jovens desenvolveram uma série de “filtros” para garantir que o consumo dessas notícias seja verdadeiro ou, pelo menos, crível sob sua perspectiva individual.

Antes de nos aprofundarmos na metodologia empírica dos entrevistados para acreditarem ou não em uma notícia, é necessário entender de onde vem a confiança que essas pessoas constroem em relação às informações.

Para esses jovens, existem alguns fatores que têm um peso maior do que outros para confiarem em um meio informativo, que são:

1) A família e sua tradição informativa:

a credibilidade de gerações anteriores e familiares com os quais convivem diariamente influencia, de maneira direta, o questionamento ou não das fontes de informação. Existe uma tendência de compartilhar os momentos em família em frente à TV, assistindo ao noticiário da manhã e da noite, geralmente promovido pelos pais dos jovens, o que gera uma espécie de “credibilidade automática” nesses meios.

“Pois, quando não sei de algo, pergunto aos meus pais ou à minha irmã que já estudou isso para saber se é verdade ou não.”

(Mulher, sem preferência partidária, Jalisco)

2) A relação com o seu contexto social

imediatez: uma constante que ocorreu com a maioria dos entrevistados é o contraponto do que é dito nos meios de informação com a realidade observada por essas pessoas, destacado por muitos e que, inclusive, dependendo do tema em questão, recorriam às pessoas que tivessem vivido esse acontecimento para reforçar ou desmentir a nota jornalística.

“É um tanto difícil saber quais notícias são verdadeiras ou falsas se não ocorreram em sua localidade ou estado [...]”

(Homem, preferência política pelo Morena, estado do México)

3) A história do meio ou canal de informação que compartilha as notícias: dependendo do nível de confiança que se tenha com base nos dois pontos anteriores é que alguns jovens, seja por sua história pessoal, informação acadêmica ou alguma pesquisa anterior de certos canais e meios de comunicação, optam por desacreditar alguns canais de TV, estações de rádio ou páginas da internet, apelando para o histórico de informação e divulgação, nebulosas ou integradas, do meio em questão.

Uma vez considerados esses pontos, podemos aos poucos explicar os filtros que a juventude mexicana construiu para se informar, esclarecendo em primeira instância que eles são usados por todas as pessoas entrevistadas em relação aos posts nas redes sociais aos quais se referem e lembrando que uma das redes mais usadas para acessar esse tipo de informação é o Facebook.

O primeiro filtro usado são as reações que a notícia pode ter (gosto, adoro, me diverte, me interessa, me surpreende, me entristece e me irrita). Com esse primeiro contato é que as pessoas dão ou não importância ao post, já que muitas reações de diversão, por exemplo, se dão pelo fato de ser fake. Num segundo momento, se a opinião está muito polarizada nessa área, os comentários que os usuários daquela rede social deixam sobre as notícias são utilizados e lidos até encontrarem ou não credibilidade neles. Se ainda houver dúvidas sobre a notícia, a comparação é feita com outros meios de comunicação, como televisão, rádio, páginas oficiais, entre outros. Ao encontrar a mesma informação em mais de um meio de informação é que passam a acreditar na referida notícia, ou recorrem a parentes mais velhos para tirar esse tipo de dúvida sobre a referida informação.

Algo que deve ser levado em consideração é que o referido processo de “filtros” é aplicado pelos jovens apenas com as informações que são relevantes para eles e que despertem o interesse em saber a verdade por trás do post. Se essa pessoa não se sente interessada pelo post ou intrigada com ele, apesar do cunho

político ou social, ela o ignora mesmo sabendo que o que leu pode ser uma fake news.

“É por isso que me informo. Ou seja, eu tenho a notícia e, de acordo com o quão interessante ela parece pra mim, é quando começo a me informar se é verdade ou não. Obviamente se tem embasamento, certo? Algo que a comprove. Agora, se é verdade ou simplesmente não.”

(Mulher, preferência política pelo PAN, Cidade do México)

Enquanto todo esse processo gera um sentimento de aproximação da veracidade das notícias por parte dos jovens, não é uma confiança total e imutável, já que devido às diferentes fontes e páginas de informação, sem mencionar os interesses e posicionamentos políticos que cada uma representa, para os entrevistados sempre existe uma possibilidade de dúvida a respeito do que é informado.

“Você não pode confiar em nenhum meio de comunicação 100% porque não há neutralidade.”

(Homem, sem preferência partidária, Puebla)

6. Participação

Levando em consideração a representatividade e as causas pelas quais os jovens estão interessados, a sua participação depende em grande medida da divulgação de informação sobre os seus temas de interesse. Mesmo as mulheres que se sentiram representadas pelo movimento feminista, apesar do crescimento das mobilizações nas ruas nos últimos anos, mostraram seu apoio apenas por meio das redes sociais.

“Da minha trincheira é o que eu posso apoiar [...] o mínimo que posso fazer, da minha parte, é compartilhar com minha família [...] abrir um diálogo com as pessoas próximas. [...] Eu nunca saí para marchar e tampouco tenho voz para fazer crescer o movimento. [...] Talvez eu tenha vontade, mas há o medo de sair para manifestar e todas essas coisas.”

(Mulher, sem preferência partidária, Puebla)

Outra forma de participação que para todos foi legítima e concordaram que gera uma mudança é o voto nas eleições para representantes políticos, regulando a legitimação da democracia representativa. Afirmaram, inclusive, que é a forma de organização social mais confiável para o número de pessoas que residem em um país.

“Eu acredito que as pessoas têm que votar [...], eu acredito que se votam ou não, tudo bem, não darão os votos a outro partido, mas sim estão desperdiçando uma oportunidade que, no futuro, pode lhes beneficiar ou prejudicar.”

(Homem, sem preferência partidária, Nuevo León)

7. Organizações políticas e representação

Retomando a divisão proposta na seção “Política e informação” quanto à percepção da política partidária em contraposição às divergências da organização política tradicional e não institucionalizada, abordam-se a análise da representatividade e as opiniões sobre as diversas formas de articulação e ação política. Cabe lembrar o olhar da desconfiança enunciada em relação às instituições e aos partidos políticos tradicionais, que resultou no argumento estruturado como uma constante ao longo de toda a pesquisa.

A questão da representatividade e de como ela é compreendida pelos jovens em suas respectivas posições políticas implica entrar na percepção que eles têm de si próprios como seres multidimensionais inseridos em um conglomerado de linhas e eixos de pensamento social e político. Em primeiro lugar, vemos que a maioria dos entrevistados não se sente representada por instituições, partidos políticos ou candidatos, o que nos leva a indagar quais são as formas alternativas utilizadas por eles para contornar esse sentimento de falta de representatividade.

Por um lado, existem os movimentos sociais, cuja presença se dá em manifestações, greves etc., em que a ideia de respeito pelas ideologias que esses grupos têm se dá cada vez mais pela implicação simbólica de “coragem” para gerar essas formas de resistência do que pela reivindicação de ideais em si mesmos. Em outras palavras, os jovens entrevistados parecem ter mais respeito pela prática de manifestação política do que pelos ideais dos movimentos sociais.

“Se há uma manifestação, é porque há um conflito que deve ser resolvido [...] não é certo que as pessoas sejam rotuladas de revoltadas se não estiverem relatando por que estão insatisfeitas ou se manifestando.”

(Mulher, preferência política pelo Morena, Querétaro)

Algo a ser levado em consideração é que muitos dos homens entrevistados não sentiam que pertenciam ou eram representados por algum movimento já que não faziam parte de nenhum, ao contrário das mulheres entrevistadas, cujo sentimento de representatividade se dava no movimento feminista.

“Eu me sinto identificada no ponto do feminismo quando você diz: eu sei que tenho apoio. E eu como me identifico, ou seja, se amanhã me acontecer algo eu sei que há pessoas que vão arrancar, quebrar, gritar, para me encontrar, ou para que se faça justiça, ou para que minha mãe saia para me buscar e não esteja sozinha.”

(Mulher, sem preferência partidária, Puebla)

O medo de “rótulos” e reivindicações como parte de um movimento ocorre por três motivos: (1) o desconhecimento do movimento em todas as suas dimensões de ação e pensamento; (2) a ideia de que para pertencer a um movimento social é necessário concordar com ele em tudo sem ter margem para críticas; e (3) a percepção de que estar inserido em um movimento social limita a

Em outras palavras, os jovens entrevistados parecem ter mais respeito pela prática de manifestação política do que pelos ideais dos movimentos sociais.

multidimensionalidade do pensamento ou da ação que se tem como pessoa para se enquadrar em um grupo específico.

“Você deve estar 100% de acordo com os ideais que eles têm ou não pode se encaixar com eles.”

(Mulher, sem preferência partidária, Cidade do México)

É por causa das questões mencionadas que os jovens entrevistados optaram por apoiar causas sociais e políticas específicas ao invés de movimentos. Eles têm o niilismo como uma bandeira de não identificação com tudo, e consideram fazer parte de muitas causas com as quais concordam, mas não os limitam. As causas mais destacadas foram as ambientais, os direitos dos animais e as ações filantrópicas ou de caridade em relação aos grupos sociais vulneráveis.

8. Confiança em instituições tradicionais

As instituições do Estado, vistas como umnexo de relacionamento e satisfação das necessidades básicas entre o governo e a população mexicana, tornam a questão da confiança nelas extremamente importante se você deseja acessar uma visão holística da percepção dos jovens em relação ao Estado em questão e ao sistema político atual.

A ideia da confiança parcial dos jovens nos meios de comunicação e nas redes sociais nas quais se informam e de que as páginas oficiais das instituições estatais são um dos meios de comunicação com menor margem de dúvida ou desconfiança se modifica drasticamente quando questionados sobre a confiança na instituição per se. Quase todos os jovens não têm plena confiança em nenhuma instituição, com a exceção de algumas em que já trabalharam e viram que o funcionamento da estrutura interna se dá de uma forma que consideram boa ou satisfatória, e mesmo assim há ressalvas porque, a seus olhos, todos são suscetíveis à corrupção dos funcionários que nelas se encontram.

“Concordo com minhas companheiras, sinceramente eu não confio nem na minha sombra, muito menos confio nos políticos, são em quem menos confio, não confio nas instituições, obviamente há gente boa, gente má, gente dedicada, mas com sinceridade, não.”

(Mulher, preferência política pelo PAN, Yucatán)

Embora tenham sido mencionadas algumas instituições nas quais foi depositado um percentual mínimo de confiança, especificamente três foram polêmicas – o Congresso da União, a polícia e o Exército – devido às respostas generalizadas: duas delas, por causa das experiências de cada jovem e uma em razão da percepção indireta.

Quando foram questionados sobre a confiança no Congresso da União, gerou-se uma primeira impressão de incerteza quanto à confiança, visto que havia um número significativo de pessoas que desconhecia a referida instituição ou não a relacionava com o seu próprio exercício legislativo. Em sua maioria, os que não tinham conhecimento eram pessoas que não possuíam o nível mínimo de escolaridade para cursar algum curso de graduação ou cuja carreira não era voltada para as questões sociais. Porém, uma vez que entenderam sua função concordaram que não há confiança nesse órgão estatal, devido à fama que tanto deputados quanto senadores têm pelo pouco trabalho que realizam e as exorbitantes somas de dinheiro que cobram apenas para ocupar um assento. Há uma ideia comum sobre a corrupção existente nessa instituição, fomentada por interesses pessoais (principalmente econômicos) e sobre a tradição de herdarem os cargos de familiares e amigos que ocuparam esse cargo.

Continuando com esse mesmo nível de desconfiança está a SSP (Secretaría de Seguridad y Protección Ciudadana), representada pela polícia. A desconfiança que se tem em relação a essa instituição é generalizada, mas, ao contrário do Congresso da União, cuja desconfiança é formada por notícias em relação a ela, com relação à polícia essa desconfiança adquire outra nuance: as experiências na própria pele dos jovens com esses servidores públicos são que sustentam essa desconfiança e a rejeição por esse órgão de coerção institucional.

Quase todos os entrevistados foram vítimas de algum abuso de poder e extorsão por parte polícia e aqueles que não o foram têm pessoas conhecidas cujo testemunho ajuda a criar esse desagrado perante o poder dessa instituição.

“Bem, eu não confio na polícia porque às vezes é ela que ... em vez de te ajudar, te machuca, às vezes rouba o pouco que você tem e, às vezes, você não é o problema.”

(Homem, preferência política pelo Morena, Chiapas)

Em uma posição um pouco mais complexa está o Exército mexicano, cuja percepção difere bastante entre as pessoas entrevistadas, externando posicionamentos que vão do medo absoluto até o respeito e a admiração. Embora o ponto de vista seja basicamente equilibrado: todos falam de um ponto de vista de “afastamento” quanto ao que se refere à interação, tomando como ponto de comparação a polícia, já que ambos os órgãos estão habilitados a usar a violência caso seja necessária para manter a paz (idealmente falando).

Existe, no entanto, certa confiança nessa instituição, sendo a principal razão para isso o fato de o Exército, ao contrário da SSP, ser o corpo de segurança que se faz presente em contextos de catástrofes naturais, como inundações, furacões, tremores de terra etc.

Por fim, algo que deve ser mencionado é que, em nenhum momento, foi excluída a existência de corrupção nas instituições governamentais.

9. Política nacional

O cenário político no México para os entrevistados é muito incerto (exceto para as pessoas que se sentem representadas pelo Morena), já que se acredita que os candidatos não estão preparados o suficiente para ocupar os cargos aos quais foram designados, nem envolvidos o suficiente com as pessoas que confiam neles.

“O Morena diz: ‘A esperança do México’, então isso que deveria ter ganhado a confiança do povo.”

(Homem, sem preferência partidária, Baja Califórnia)

No que se refere à escuta das demandas da população jovem, acredita-se que há uma grande deficiência e que devem ser buscados meios que atraiam mais atenção para informar sobre os processos políticos e também gerar estratégias de captação de demandas que a população jovem atualmente possui.

“São necessárias campanhas informativas, que sejam transmitidas em redes sociais que é o que mais ocupam os jovens, assim como no TikTok porque é a novidade.”

(Mulher, preferência política pelo PAN, Guanajuato)

Outra informação importante é a crença de que o maior problema do país é a corrupção

pessoal, além de falhas no sistema. Por isso é que as soluções que são propostas a partir dos jovens vão em uma chave individualista de mudança, chegando mesmo a dizer que o governo per se não está mal estruturado sistematicamente falando, mas sim as ações das pessoas em seu cotidiano que não permitem ao sistema operar como deveria ser.

“Eu acho que o que realmente falta é que as pessoas mudem, que as pessoas saiam para votar [...] acho que nos falta muita responsabilidade como cidadãos para melhorar nosso país.”

(Mulher, sem preferência partidária, Cidade do México)

Em síntese, pode-se dizer que a política nacional para os jovens se divide entre os representantes dos cargos públicos e as decisões individuais da população. Os primeiros, por sua influência direta, representada pelos valores e pelo trabalho que desempenham dentro do aparato estatal; no segundo caso, pela influência indireta de nossas decisões por meio do voto, cuja relevância para decidir o rumo do país é altamente crível para os entrevistados.

Outro dado que merece destaque nesta seção, e que ajuda a justificar a categorização utilizada para a formação dos grupos de entrevistados pelo voto, é o desconhecimento de mais da metade dos entrevistados da dicotomia esquerda e direita em termos de política; poucos são os que têm uma ideia mais ou menos correta dessa divisão de perspectivas políticas (em sua maioria, pessoas com graduação em algum curso universitário ou com uma carreira voltada para a esfera social e/ou política).

Em ambos os casos, todos concordaram que esses “rótulos” não se aplicam atualmente aos partidos mexicanos, uma vez que, do ponto de vista geral, suas propostas políticas eram semelhantes. Além disso, de acordo com o que já foi mencionado na primeira seção, em que a pesquisa no México é contextualizada a respeito dos liberais e conservadores, os jovens não dão importância a essas categorias de análise e é pela mesma razão que eles não se identificam com nenhuma delas.

“Presume-se que antes eles eram “liberais” contra os conservadores, mas ninguém quer mais ser conservador, então são todos liberais.”

(Mulher, sem preferência partidária, Querétaro)

Especificidades de cada país

Argentina: há uma valorização da democracia considerando o passado ditatorial do país e a atuação de movimentos de direitos humanos. O crescimento do Partido Libertario (de direita) chama atenção por sua ligação com jovens, redes sociais e influenciadores. Como o partido não se enquadra como direita tradicional, isso permite obter maior legitimidade entre jovens de distintas orientações ideológicas. Há uma visão negativa da participação política de igrejas, tanto entre quem se afirma de esquerda como de direita. Foi o único país da pesquisa em que o compartilhamento de notícias falsas não foi imediatamente associado a dinâmicas políticas.

Brasil: a política como um todo é vista como totalmente corrompida e envelhecida. Há uma tendência de buscar na política o que parece autêntico, novo, e também a transparência (prestação de contas) via redes sociais. O voto em Bolsonaro (atual presidente de extrema-direita) é defendido por quem o considera autêntico, honesto e uma “novidade”. Jovens bolsonaristas chegam a defender autoritarismo e fechamento de instituições como forma de fortalecer a democracia.

Colômbia: a política é vista como oligárquica e as lideranças como pouco preocupadas com a população e a juventude. Há uma tendência de desconfiar de mídias tradicionais, especialmente dos canais “Caracol” e “RCN”, propriedade de famílias milionárias que possuem seus próprios interesses. Há uma tendência a procurar mídias internacionais para se informar sobre o próprio país, especialmente entre os direitistas e os que não têm preferência partidária. Há também uma vontade de ver alguém novo na política, que venha do povo e o represente de fato. O “Paro 2021” foi tido como necessário e como um renascimento político da juventude, ainda que tenha aumentado a desconfiança nas forças militares por conta das mortes decorrentes da repressão ao protesto.

México: com exceção de quem votou no Morena (Movimiento de Regeneración Nacional, partido de esquerda), a maioria dos entrevistados não percebe diferença substancial entre lideranças políticas de diferentes partidos e considera que todos possuem as mesmas propostas e não cumprem suas promessas.

Especificidades da juventude hoje nos países estudados

a presente pesquisa acompanha as tendências internacionais no que tange à realização de estudos qualitativos acerca de juventude e democracia e traz novas informações sobre o comportamento de jovens latino-americanos em geral, considerando a popularização da internet, redes sociais e plataformas de streaming na região.

Foi possível verificar que o consumo online de informações e entretenimento implicou em um abandono da programação tradicional de televisão, rádio e mídia impressa. Ganham maior relevância plataformas de streaming como Netflix, Disney+, Amazon Prime para consumo cultural de produções como filmes, séries e documentários.

Além disso, diferentemente de gerações passadas, os jovens de hoje vivenciam um ‘tsunami’ informacional inexistente em gerações anteriores. E, em meio, às possibilidades oferecidas pelas redes, preferem buscar conteúdos que falem sobre autoestima e melhora do ‘self’, conteúdos humorísticos e demais amenidades como aulas de maquiagem e jogos, segundo suas próprias palavras, uma fuga de realidades permeadas por injustiças e sofrimentos.

Por outro lado, independentemente de suas posições políticas, existe uma abertura muito grande para a defesa de lutas contra opressões a mulheres, negros, indígenas, LGBTQ+, de pautas ambientais e defesa dos animais (contra a crueldade animal, pró-veganismo). Ainda que, entre jovens mais conservadores e/ou que se afirmem de direita, isso venha acompanhado da ênfase no empreendedorismo baseada em uma subjetividade neoliberal, e do apelo de igrejas neopentecostais.

Atualmente, a maioria dos jovens entrevistados utiliza as redes sociais (sobretudo Instagram, Tik Tok, Twitter) principalmente para socialização, evolução pessoal, informação, politização e engajamento. Porém, é importante levar em consideração que essas tarefas não se realizam de forma independente ou isolada umas das outras e sim de forma interconectada. Assim, ao mesmo tempo que o jovem está em um momento de

descontração com um vídeo engraçado do TikTok, pode receber uma notificação nos stories de seu Instagram sobre um vídeo de empreendedorismo de uma conta de Instagram que admira, ler um comentário sobre o último acontecimento político importante, ou dar like em uma foto do café da manhã de um amigo da faculdade.

Hoje os jovens percebem a realidade política circundante através das redes, fato que tem diversas implicações. A política chega até eles não só em formato de notícia, mas principalmente em formato de comentário, reação a ou debate de uma notícia ou de um acontecimento, o que faz com que percebam a política atrelada às dinâmicas de polarização e ao efeito bolha.

Nesse sentido, a postagem, o clique, o curtir são formas de vínculo afetivo. “Postar coisas do dia a dia” é uma forma de aproximar de outras pessoas e de procurar identificações com os outros. Quando o jovem se expressa politicamente nas redes e recebe feedbacks positivos ou negativos, em forma de likes, dislikes ou comentários, está constituindo uma rede de socialização e politização.

O cancelamento ou o “unfollow” são percebidos como uma ação política hostil, de quem não sabe lidar com o diferente. Embora vários procurem de forma espontânea se informar sobre política, os conteúdos acabam aparecendo em suas linhas do tempo (timeline), nos murais, de forma de polêmica. A percepção de que política é divisão/enfrentamento é generalizada, e o Twitter é a plataforma mais utilizada pelos mais engajados politicamente para se informar sobre esse tema.

A política também chega aos jovens mediada por influenciadores ou postagens de pessoas que têm um posicionamento online central em suas redes. Vários começaram a ganhar consciência política, ao verem comentários nas redes de pessoas que seguiam ou de influenciadores de quem gostavam e com os quais concordavam, dando início a um processo de despertar político e também a comentários quando estavam em desacordo. Neste caso, a reação contrária provocada faz com que comecem a pensar sobre agendas a propósito das quais nunca haviam pensado antes.

A grande maioria dos jovens entrevistados não conseguiu se lembrar de deputados nos quais havia votado nas eleições anteriores.

Os vereadores, porém, são mais lembrados e inclusive aparecem casos de jovens que se engajaram em campanhas políticas de candidatos a vereador por serem familiares, amigos, irmãos da igreja. A política local, de proximidade, parece uma porta de entrada mais acessível para a juventude não engajada partidariamente. Vereadores próximos, que têm histórico de compromisso, uma atitude de ajuda aos mais carentes, que se revoltam contra ações de corrupção da classe política e que se mostram nas redes são figuras mais susceptíveis de criar vínculos políticos.

Por fim, é importante apontar que os jovens não são antidemocráticos, já que defendem a importância da ordem institucional democrática. Para eles, a democracia figura como sinônimo de liberdade de expressão, envolvimento da comunidade, sobretudo online, e transparência.

Porém, como apontam pesquisas anteriores realizadas em outros contextos, eles se sentem absolutamente desmotivados a se engajarem na política atual, por conta da percepção de que ela seria corrupta, violenta, afastada do povo, centrada em interesses próprios, inflexível, e pouco aberta à participação de jovens.

Todos os entrevistados reconhecem que seria importante que os jovens participassem mais na política. No entanto, esperam que outros jovens mais motivados e com maior conhecimento se engajem politicamente para mudar as coisas. A maioria dos entrevistados sente medo de participar de forma ativa e explícita da política. Há um receio compartilhado de serem capturados pelas redes da corrupção, perder sua personalidade e até mesmo de sofrer ataques contra a própria vida.

A maioria dos entrevistados diz se sentir naturalmente atraída por políticos mais jovens por compartilharem um ethos e linguagem comum. Sobretudo por conta do que percebem ser uma tendência das pessoas jovens – serem mais “mente aberta”, de modo que, se o jovem não apresenta essa abertura de ideias, estaria se comportando como alguém da política tradicional. Neste sentido, o que esperam dos representantes políticos é uma atitude menos conservadora frente à vida, independentemente da idade.

Todos os entrevistados afirmam que os partidos deveriam deixar mais espaço para os jovens em lugares de poder

e representatividade, abrir canais de comunicação diretos com eles e pautar temas de seu interesse, como questões envolvendo educação ou incorporação ao mercado de trabalho. Outro problema para incorporação dos jovens à vida partidária é que, em sua visão, quando eles entram para algum partido, não têm verba e, portanto, ficam sem opções.

Além disso, os jovens concordam que a política deveria se apresentar de uma forma mais leve, ágil, sedutora. Textos curtos, sedutores e chamativos, um tweet, um 'stories', um vídeo de TikTok que sejam leves e bem-humorados são aqueles que despertam sua atenção em meio ao tsunami informacional em que estão inseridos.

Nesse sentido, é interessante notar que se, por um lado há rejeição e um cansaço de polarização e divisão política, por outro, a polêmica é o que mais prende a atenção dos entrevistados.

Desse modo, a melhora da educação e, sobretudo, da educação política, é algo que praticamente todos destacam como condição imprescindível para a participação democrática. Todos afirmam estar conscientes de sua própria falta de conhecimento sobre o cotidiano dos rituais políticos e do funcionamento do Estado, o que também os afasta da política tradicional.

Todos os entrevistados afirmam que os partidos deveriam deixar mais espaço para os jovens em lugares de poder e representatividade, abrir canais de comunicação diretos com eles e pautar temas de seu interesse, como questões envolvendo educação ou incorporação ao mercado de trabalho.

Recomendações

- Apoiar ações de aproximação institucional com a juventude por meio do fomento a canais específicos para sua participação, com linguagem jovem e maior presença online.
- Fomentar programas voltados para jovens tanto em partidos políticos como em outras instituições democráticas (Justiça, imprensa, Congresso...). Exemplo: Parlamento Jovem Brasileiro (PJB).
- Apoiar candidaturas de jovens pautadas pela inovação, transparência e comunicação online.
- Apoiar pautas com interesses da juventude: pauta ambiental, defesa dos animais, defesa de lutas contra opressão de gênero, raça, etnia; defesa da educação.
- Apostar na esfera local: o município como *locus* de conexão do jovem com a política.
- Dar à democracia um sentido concreto, enraizado no cotidiano.
- Apostar na educação política e legal nos currículos escolares e universitários.
- Apostar na produção de veracidade e legitimidade informativa em meios tradicionais de comunicação, e que eles utilizem canais mais diretos de comunicação com a juventude.
- Investir em meios de comunicação que apostem em jovens nas redações, em canais de informação específicos para a juventude que apostem na *escuta*.
- Fomentar formatos em que jovens possam participar dos conteúdos jornalísticos e não ter uma postura passiva de consumidor de notícias. Elaborar formatos novos, mais dinâmicos.
- Apostar na educação informacional e nos critérios de identificação e desconstrução de *fake news*.
- Investir em plataformas de simples manuseio, explicativas, resumidas e interativas em que as pessoas possam acompanhar as atividades dos parlamentares e a evolução das leis e demais atividades governamentais sobre determinados assuntos, como meio ambiente, desigualdade, mulheres, animais etc.
- Investir em meios de comunicação alternativos, locais, periféricos, que façam parte da realidade dos jovens e nos quais eles possam assumir o papel de produtores de conteúdo e se engajar na produção de notícias que lhes interessam.
- Fomentar contranarrativas sobre o tema da corrupção.
- Fomentar discursos que pregam a importância das ações coletivas e envolvem participação da comunidade em decisões políticas.

Referências

- Cammaerts, Bart; Bruter, Michael; Banaji, Shakuntala; Harrison, Sarah; Anstead, Nick. The Myth of Youth Apathy: Young Europeans' Critical Attitudes Toward Democratic Life. *American Behavioral Scientist* 58 (5): 645-664, 2014.
- Corvalan, Alejandro; Cox, Paulo. Class-Biased Electoral Participation: The Youth Vote in Chile. *Latin American Politics and Society* 55 (3): 47-68, Fall 2013
- Edwards, Kathy. From Deficit to Disenfranchisement: Reframing Youth Electoral Participation. *Journal of Youth Studies* 10 (5): 539-555, Nov. 2007.
- Foa, Roberto Stefan; Mounk, Yascha. Youth and the Populist Wave. *Philosophy and Social Criticism* 45 (9-10), 2019.
- Foa, Roberto Stefan; Klassen, Andrew; Wenger, Daniella; Rand, Alex; Slade, Micheal. Youth and Satisfaction with Democracy: Reversing the Democratic Disconnect? Cambridge: Centre for the Future of Democracy, 2020.
- Franc, Renata; Perasović, Benjamin; Mustapić, Marko. Youth, History and a Crisis of Democracy? Perspectives from Croatia. In Pilkington, Hilary; Pollock, Gary; Franc, Renata (Ed.). *Understanding Youth Participation Across Europe: From Survey to Ethnography*. London: Palgrave Macmillan, 2018.
- Gillman, Anne. Ideals Without Institutions: Understandings of Democracy and Democratic Participation Among Ecuadorian Youth. *Studies in Comparative International Development* 53: 428-448, 2018.
- Henn, Matt; Weinstein, Mark; Wring, Dominic. A Generation Apart? Youth and Political Participation in Britain. *The British Journal of Politics and International Relations* 4 (2): 167-192, Jun. 2002.
- Henn, Matt; Foard, Nick. Young People, Political Participation and Trust in Britain. *Parliamentary Affairs* 65 (1): 47-67, Jan. 2012.
- Hoffman, Michael; Jamal, Amaney. The Youth and the Arab Spring: Cohort Differences and Similarities. *Middle East Law and Governance* 4 (1): 168-188, 2012
- Martin, Aaron. *Young People and Politics: Political Engagement in the AngloAmerican democracies*. Abingdon: Routledge, 2012
- Marzęcki, Radosław; Stach, Łukasz. Youth of Today and the Democracy of Tomorrow. *Polish Students' Attitudes Toward Democracy*. *Education and Society* 34 (1), 39-59, 2016
- Norris, Pippa. *Democratic Phoenix: Reinventing Political Activism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002
- O'Toole, Therese. Engaging with Young People's Conceptions of the Political. *Children's Geographies* 1 (1): 71-90, 2003
- Pfaff, Nicolle. Youth culture as a context of political learning: How young people politicize amongst each other. *YOUNG* 17 (2): 167-189, 2009
- Sika, Nadine. Youth Political Engagement in Egypt: From Abstention to Uprising. *British Journal of Middle Eastern Studies* 39 (2), 2012.
- Sloam, James. Rebooting Democracy: Youth Participation in Politics in the UK. *Parliamentary Affairs* 60 (4): 548-567, Oct. 2007
- Sloam, James. New Voice, Less Equal: The Civic and Political Engagement of Young People in the United States and Europe. *Comparative Political Studies* 47 (5): 663-688, 2014.
- Sloam, James. Diversity and voice: The political participation of young people in the European Union. *The British Journal of Politics and International Relations* 18 (3), 2016
- Weber, Hannes. Demography and democracy: the impact of youth cohort size on democratic stability in the world. *Democratization* 20 (2): 335-357, 2013